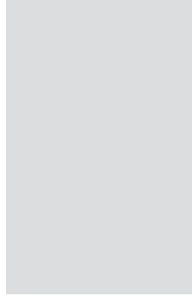


Caderno de O Estandarte



ECOS DO CENTENÁRIO





ECOS DO CENTENÁRIO



APRESENTAÇÃO

Rev. Eduardo Galasso Faria

Ecos do Centenário constitui mais um Caderno oferecido aos assinantes de *O Estandarte*.

Nele prosseguimos com um dos objetivos propostos inicialmente, que é o de tentar recuperar a história da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil para fazer uma reavaliação de sua caminhada em busca do papel que lhe cabe como parte da igreja de Jesus Cristo no mundo de hoje.

Compete à igreja procurar cumprir sua missão em um novo século com ampla diversidade de desafios, mas para isto é preciso uma postura espiritual fiel ao seu Senhor e atenta aos acontecimentos no mundo para o qual somos enviados.

Entre os textos que fazem parte deste Caderno temos um importante trabalho de pesquisa sobre a história da IPI no Nordeste. A dedicação dos pastores e dos crentes para anunciar o evangelho naquela região em um tempo muito difícil revela dedicação, coragem, persistência e um espírito inabalável. Temos também um pouco da história das senhoras da IPI e da revista *Alvorada*, bem como apresentações sobre o trabalho desenvolvido pelas Secretarias de Evangelização e Diaconia, em tempos recentes. Além das fotos que procuram enriquecer as matérias, um texto sobre a IPI entre o passado e o futuro convoca-nos para uma reflexão comprometida com o presente.

A todos uma leitura proveitosa. E que o Espírito do Senhor Jesus nos conduza como igreja!

O Rev. Eduardo é professor do Seminário Teológico de São Paulo e coordena a edição dos Cadernos de O Estandarte



SUMÁRIO

	Apresentação	3
1	A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil - Os desafios de um novo século <i>Rev. Leonildo Silveira Campos</i>	7
2	A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e suas mulheres virtuosas <i>Profa. Raquel Hein Ribeiro de Melo</i>	24
3	Secretaria de Evangelização – O que pensamos e o que fazemos <i>Rev. Antônio Carlos Alves</i>	34
4	Secretaria de Diaconia <i>Rev. Marcos Nunes da Silva</i>	49
5	A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil no Norte/Nordeste – Uma breve história (1903- 1995) <i>Rev. Frank Arnold</i>	58

1

A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL E OS DESAFIOS DE UM NOVO SÉCULO

Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos

A IPI do Brasil completou o seu primeiro centenário em 31 de julho de 2003. O novo ramo reformado, originado de um cisma ocorrido no presbiterianismo brasileiro, que se tornou inevitável durante as reuniões do Sínodo de 1903, rapidamente se institucionalizou. Para isso, modelos administrativos, rituais e teológicos, trazidos do antigo tronco para o Brasil, na segunda metade do século XIX, por missionários norte-americanos, foram muito importantes. Neste artigo reunimos observações sobre a cultura organizacional da IPI e o seu estado de saúde, uma instituição religiosa vista aqui como uma organização tipo “*Igreja*”, naquele sentido dado a esse termo por Max Weber e Ernst Troeltsch, ou uma “*Denominação*”, na terminologia de Helmut Richard Niebuhr (1894-1962).¹ Parte dos comentários aqui registrados surgiu durante as festividades pela passagem do primeiro para o segundo século da história da IPI do Brasil. No ponto alto das comemorações, em agosto de 2003, mais de 15 mil pessoas se reuniram no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, SP, para comemorar o centenário de uma “Igreja presbiteriana e brasileira”. Consideramos as comemorações de 2003 como uma dessas oportunidades raras, em que aspectos invisíveis de uma organização, de sua história e cultura, vêm à tona, permitindo ao analista perceber a que nível

¹ A terminologia “seita” e “igreja” foi usada por Max Weber, especialmente no seu texto *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, (São Paulo, Companhia das Letras, 2003) e nos escritos de Ernst Troeltsch. Já H. Richard Niebuhr, em um texto traduzido para o português apenas em 1992, por Antonio Gouvêa Mendonça, intitulado *As origens sociais das denominações cristãs* (São Paulo, ASTE, 1992.) preferiu estudar, a partir do campo religioso norte-americano, os grupos religiosos usando novos tipos ideais como “denominação”.

chegou o capital religioso acumulado historicamente por um determinado movimento ou instituição religiosa.

Assim, à luz das comemorações de seu centenário, usando-se as ferramentas das ciências sociais e da teoria das organizações, este texto propõe algumas reflexões sobre a IPI, escolhendo algumas perguntas que são assim expressas: O que se pode afirmar sobre o estado de saúde organizacional da IPI? Será que ela, como toda organização humana, soube superar bem a “infância organizacional”, geralmente um período difícil para a sobrevivência da maioria das organizações humanas? Como explicar a sua “longevidade”, já que seus críticos, especialmente os que ficaram do lado “sinodal”, prognosticavam que a nova denominação não superaria um “enterro de primeira classe”?² Será que ela experimenta, no início de seu segundo século de história,³ um período de “juventude”, “maturidade” ou de “decadência”? Teria a IPI entrado, institucionalmente, em um processo de “envelhecimento”, sem passar pela “juventude” ou “maturidade”? São os conflitos, vistos por Pierre Bourdieu⁴ como sinais de vitalidade, no caso da IPI, indicadores da existência de vida ou, pelo contrário, sinalizam um processo de esclerose institucional, acompanhado de “envelhecimento” e “morte”?

É provável que algumas dessas perguntas não agradem a muitos militantes da IPI, particularmente aos que não têm um espírito crítico em relação à organização na qual atuam. Por outro lado, há aqueles que evitam perguntas “incômodas”, isto é, aquelas capazes de gerar respostas indesejáveis ou que desencadeiam dúvidas, afastando as certezas. Também há militantes portadores de uma visão crítica, que podem identificar perguntas, cujas respostas, mesmo insatisfatórias, podem ser usadas para o aperfeiçoamento do processo de inserção na organização por ele criticada. Aqui podemos pressupor haver campo para perguntas que sejam radicais ou não. Pressupomos que elas provocam reflexão e desencadeiam processos de reavaliação da identidade, mudanças de estratégias e de objetivos, assim como a

² Depois da cisão de 1903, tornou-se comum o uso recíproco de termos como “independentes” para os dissidentes e “sinodais” para os que permaneceram fiéis ao Sínodo Presbiteriano, organizado em 1888. A referência, de mau gosto, aliás, a um “enterro de primeira classe” visava dizer que o movimento cismático não duraria mais que algumas décadas, pois, quando morressem os seus líderes, os demais voltariam ao antigo tronco presbiteriano. Tais críticos não contavam, contudo, com a possibilidade de que o movimento ganhasse dinâmica própria, gerando a sua própria cultura institucional, a qual foi celebrada em agosto de 2003 no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo (conforme *O Estandarte*) de setembro de 2003.

³ Categorias próprias para a vida humana no estudo das organizações, tais como as metáforas da “infância”, “maturidade”, “envelhecimento” ou “morte”, têm sido empregadas por conhecidos especialistas em organizações humanas.

⁴ Pierre Bourdieu., *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

percepção do que uma organização foi no passado, é hoje e pretende ser no futuro. De que maneira essa expectativa pode moldar o futuro e desenvolver um grau de fidelidade aos princípios considerados essenciais para o seu funcionamento?

Ao organizarmos esta exposição seguimos didaticamente algumas perguntas: Que identidade assumiu a IPI no passado? De onde ela veio? Em que estágio organizacional se encontra agora, exatamente no início de seu segundo século de existência? Para onde caminha como organização religiosa? Que cenários organizacionais lhe são possíveis nesse novo período? Porém, antes de iniciarmos uma reflexão sobre elas, queremos registrar uma estimulante discussão despertada, há 25 anos, por dois intelectuais gerados pela própria IPI e que refletiram a respeito de alguns temas importantes para o estudo da história organizacional da IPI no primeiro século de sua história.

Esses pastores-pensadores são: Antônio de Godoy Sobrinho⁵ (1937-1999), que sugeriu existir na IPI uma espécie de “*pecado do utilitarismo*”; e, Antonio Gouvêa Mendonça (nascido em 1922), que tem abordado o problema da identidade presbiteriana independente. Ambos insistiram na dificuldade que a IPI tem de construir uma **identidade** que lhe seja capaz de servir de base para um processo de unidade, coesão e continuidade histórica, particularmente em suas estratégias e ações.

Ao lado dessa discussão, há também a questão relacionada à “crise de identidade”.⁶ Ora, essa discussão surgiu justamente no interior das organizações que se julgavam estáveis e que foram tomadas por uma sensação de que o antigo status estável foi colocado em um redemoinho histórico. Por isso assistimos o aparecimento de identidades plurais, pois dentro das mesmas fronteiras coabitam sentidos diferentes de igreja e de ação religiosa. O que significa, nesse contexto, “identidade” e “diferença”?

Vejamos então a seguir duas questões que norteiam este texto, ambas relacionadas à identidade: Primeira: De onde veio a IPI e que identidade aparenta ter? Segunda: Onde está e para onde caminha a IPI brasileira?

⁵ Antônio de Godoy Sobrinho, A unidade da Igreja, em *Simpósio*, ASTE, dezembro de 1981, p. 260-271

⁶ Para uma discussão mais ampla sobre esse tema consulte: Tomas Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall e Katharyn Woodward,, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Vozes, 2005.

1. DE ONDE VEIO A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE E QUE IDENTIDADE APARENTE TER?

A IPI, como organização religiosa com 100 anos de organização, é uma instituição relativamente nova dentro do campo religioso cristão. Mesmo assim, ela faz parte de um ramo também novo, que ainda não completou o seu quinto centenário, isto é, o campo protestante. Além do mais, a IPI está inserida em uma sociedade resultante de um processo de colonização, cuja história de 500 anos também é recente. É claro que o termo “recente” é usado neste texto de uma forma comparativa àqueles povos e culturas com mais de quatro mil anos de existência, de uma Igreja Católica Romana com uma tradição reclamada de quase 20 séculos. Também é verdade que nesses 100 anos de vida organizada a IPI pouco cresceu se considerarmos os números em relação aos de outras denominações cristãs, mais antigas ou não, que com ela concorrem no campo religioso brasileiro.

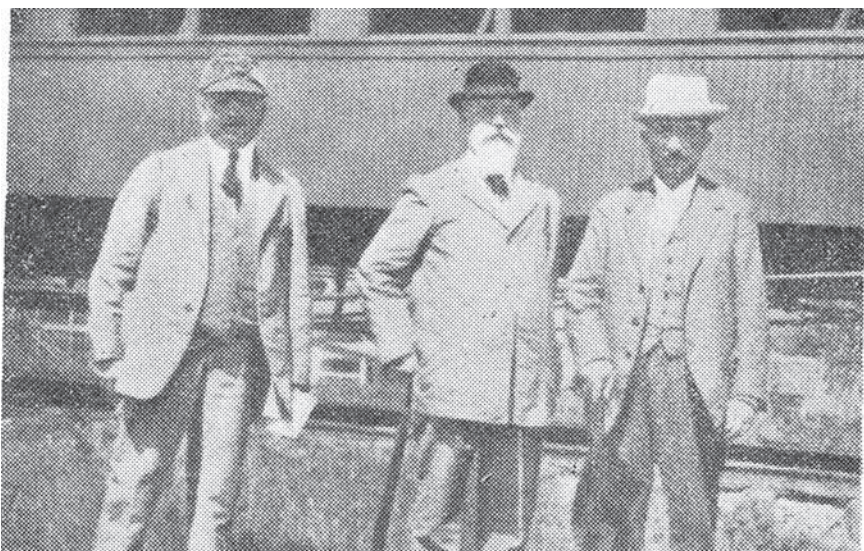
A rigor, o crescimento da IPI não acompanhou nem de longe os índices demográficos brasileiros. O Censo do IBGE de 2000 a colocou dentro da categoria “presbiteriana” com seus 980 mil seguidores no país. Essa falta de crescimento tem provocado entre os seus membros algumas controvérsias, pois há os que perguntam pelos motivos desses baixos números e o que significa ter 50 mil membros em um país de 180 milhões de habitantes? Qual é o impacto de um jornal mensal como *O Estandarte* que, a despeito de tantas tradições e glórias, dificilmente é lido por mais de dez mil pessoas? Mas o que podemos afirmar a respeito dos jornais concorrentes no campo religioso tais como a Folha Universal (da Igreja Universal do Reino de Deus), com uma tiragem superior a um milhão e meio de exemplares semanais? Como compará-lo com O Mensageiro de Paz, jornal da Igreja Assembléia de Deus, que atinge uma significativa parcela dos seus oito milhões de membros? É claro que, se a IPI for julgada por critérios meramente numéricos, ela pouco representa dentro do cenário religioso brasileiro.

Também não se pode, nessa análise, deixar de lado que a IPI é filha de um movimento missionário protestante, com raízes fincadas na Reforma protestante do século XVI e que, no início do século XX, quando ocorreu a cisão no presbiteriano brasileiro, ainda lutava para se consolidar no Brasil. Conseqüentemente, ela está muito distante do sucesso daqueles empreendimentos religiosos recentes, calcados em estratégias e marketing modernos tais como os praticados

por algumas igrejas neopentecostais brasileiras. No entanto, é preciso registrar que, muito antes desses impérios religiosos serem fundados, presbiterianos, luteranos, batistas, metodistas, congregacionais e outros se irmanavam numa luta pela consolidação de suas comunidades no Brasil, ganhar presença no meio do povo e se aninhar em suas bases. A Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934, já vinha dando continuidade aos projetos nascidos da Conferência do Panamá, de 1916.

Nesse contexto, o protestantismo “clássico” ou “histórico” jamais se tornaria um movimento de massas no Brasil. A sua visibilidade social, graças à mídia moderna, tornou os evangélicos um fenômeno de massas somente quando o pentecostalismo se instalou no Brasil. Primeiro, o surgimento da Congregação Cristã no Brasil, em 1910; um ano depois, a Igreja Assembléia de Deus, fundada em Belém, no ano de 1911. A partir de 1953, um novo tipo de pentecostalismo chegou, com maior força e barulho, às cidades brasileiras do centro-sul, fenômeno esse conhecido como “pentecostalismo da cura divina”, com suas tendas de lonas, programas de rádio e, mais adiante, com suas próprias estações de televisão. Somente então o protestantismo e o pentecostalismo foram se tornando, em meio às suas contradições internas, movimentos religiosos com maior visibilidade no país.

Por sua vez, a IPI teve origem diferente, pois surgiu de tensões internas que povoaram o presbiterianismo brasileiro no final do século XIX, geradas por pro-



Revs. Erasmo Braga, Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira, na viagem para o Congresso do Panamá (1916)

Historicamente constituída como uma Igreja Presbiteriana “independente” e “brasileira”, a IPI seguiu entusiasticamente as palavras do líder, Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), que impregnaram e estimularam as primeiras gerações de presbiterianos independentes.

blemas ideológicos, administrativos e dificuldades relacionadas ao exercício do poder eclesiástico. Por isso mesmo, em seu início, ela despertou esperança em uma parcela de presbiterianos brasileiros, especialmente nos que aderiram à independência e à mensagem anti-maçônica. Muitos observadores

estavam animados, pois esperavam o início no Brasil de um processo de ruptura com as missões e não a continuidade com as formas importadas de protestantismo.

Por outro lado, o surgimento da IPI gerou ceticismo e críticas entre outros evangélicos brasileiros, presbiterianos ou não. Por exemplo, a cisão entre os presbiterianos foi largamente lamentada em edições de *O Expositor Cristão*, órgão dos metodistas, em 1903. Curiosamente, a cidade de São Paulo recebia, naquele meio do ano de 1903, uma conferência que visava aumentar a unidade e a cooperação entre os evangélicos brasileiros.

Uma avaliação histórica foi feita 50 anos depois de seu surgimento, quando um analista estrangeiro, autor do primeiro estudo acadêmico de história eclesiástica e social do protestantismo brasileiro, Émile-Guillaume Leonard (1891-1961),⁷ escreveu palavras como estas:

“(a)Igreja presbiteriana dissidente – que na realidade era uma Igreja brasileira e ortodoxa se reduziu ao programa estreito de uma denominação essencialmente anti-maçônica, um dos programas mais insuficientes e temporários – e por isso mesmo mais discutíveis, conhecidos da história dos cismas.”

Essa miopia, segundo Léonard, teria surgido por falta de uma visão mais ampla daquele evento fundador, os dissidentes da IPI, “*se encerraram em uma definição estreita e inexata*” do cisma, enquanto as *razões profundas e não articuladas* estariam proporcionando um notável crescimento a esse movimento separatista, sem que disso se dessem conta os seus pioneiros. Essas palavras de Léonard, publicadas primeiro em capítulos na *Revista de História* da Universidade de São Paulo e, somente 10 anos depois, na forma de livro, em português, foram mal recebidas pelos presbiterianos independentes. Um áspero artigo foi publicado em *O Estandarte* no ano do cinquentenário da cisão (1953), rebatendo as observações do historiador francês.

⁷ Émile G-Léonard. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo, ASTE, 1963, p. 158.

Como resultado dessa falta de uma definição clara, acreditamos que a IPI foi invadida mais tarde por um sentimento de desmotivação, especialmente diante de seu decréscimo e diminuição do ritmo de crescimento. Enquanto isso, a concorrência ganhava espaço. Mas, será que, nessa perspectiva limitada das razões da independência, já não estaria o prenúncio de alguns problemas que se expressariam na falta de crescimento e unidade? Esses problemas teriam resultado em novas cisões tanto no período de 1938-1942 como em 1972, quando surgiu a Igreja Presbiteriana (Independente) Renovada?

É possível também que essas lamentáveis rupturas tenham impedido o surgimento de uma organização religiosa com uma identidade definida e um rosto personalizado. Daí haver os que perguntam hoje pelas diferenças entre os presbiterianos independentes (IPI), os presbiterianos do Brasil (IPB), os renovados (IPR) e os conservadores (IPC).⁸ Por outro lado, essa falta de identidade teria provocado, dentro da IPI, inúmeras “mini-igrejas”, que agem como se fossem contraculturas religiosas, que quase têm vida própria e sobrevivem à margem e a despeito dos concílios regionais e nacionais? Tais “igrejas”, “micro-igrejas” ou, no dizer de Peter Berger,⁹ “minorias cognitivas”, apresentam feições “fundamentalistas”, “pentecostais”, “carismáticas”, “liberais” ou “ecumênicas”. Porém, curiosamente, cada um desses grupos atende pelo mesmo nome e rótulo, apresenta uma profusão de modelos de cultos, doutrinas e práticas. Não estaria acontecendo com eles uma situação semelhante ao que ocorre no mercado quando em numa mesma embalagem produtos diferentes são oferecidos de forma idêntica?

Historicamente constituída como uma Igreja Presbiteriana “independente” e “brasileira”, a IPI seguiu entusiasticamente as palavras do líder, Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), que impregnaram e estimularam as primeiras gerações de presbiterianos independentes. Naqueles tempos, também por força de seu carisma, a nova Igreja cresceu e se consolidou no cenário evangélico brasileiro. Todavia, nos anos 30, parecia que, apesar da morte de Pereira, a IPI estava consolidada e que jamais se concretizaria a “profecia” de que a nova denominação “não resistiria a um funeral de primeira linha”.

⁸ A família presbiteriana no Brasil, neste ano de 2006, é formada predominantemente pelas Igrejas: Presbiteriana do Brasil (IPB); Presbiteriana Independente (IPI); Presbiteriana Conservadora (IPC); Presbiteriana Renovada (IPR); Presbiteriana Unida (IPU) e talvez alguns grupos menores e pouco conhecidos.

⁹ Peter Berger. *Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. 2ª ed. revista, Petrópolis, Vozes, 1997.

Ao lado disso, iria crescer também, talvez até por causa desses antecedentes, no último quartel do século XX, uma tendência desagregadora, um processo de perda da frágil identidade presbiteriana independente.

Mesmo assim, sucessos institucionais primeiros não garantiriam, por si só, um futuro brilhante para a IPI brasileira, a despeito do surgimento, após os anos 20, de uma nova geração de pastores, intelectual e pastoralmente brilhantes. Essa nova geração representava dignamente a nova denominação no campo religioso bra-

sileiro, mas lutas eclesiais lançaram alguns deles para longe da denominação. Também, como demonstra Éber Ferreira Silveira Lima muito bem, as contradições e conflitos acabaram surgindo entre os homens que cercavam Eduardo Carlos Pereira, definindo um novo quadro da IPI nos anos 30 e 40.¹⁰

É possível que, em parte, essa luta servisse para abafar a criatividade e o esforço de adaptação das novas gerações naquela decisiva década de transformações culturais e políticas no Brasil, que foram os anos 30. Assim, no final de um período de lutas (1938-1942), novas cisões aconteceram, quando abandonaram a IPI os “conservadores” de corte fundamentalista, que formaram a Igreja Presbiteriana Conservadora. Por outro lado, os “liberais”, organizaram uma Igreja de feição ecumênica, freqüentada por cristãos intelectuais, a qual, talvez por falta de uma estratégia de expansão ou por ausência de interesse proselitista, praticamente desapareceu no final dos anos 80.

Nos anos 70, houve uma nova cristalização de tensões que vinham desde a metade dos anos 50, quando se introduziram no Brasil novos movimentos pentecostais, entre eles a Cruzada Nacional de Evangelização, por meio das “tendas de cura divina”. A IPI agasalhou as primeiras tentativas dos missionários da cura divina de se instalarem dentro do mundo evangélico estabelecido no Brasil. Assim, no início dos anos 50, a partir de convites da 3ª IPI, situada no Brás, e da IPI do Cambuci, ambas estabelecidas em populosos bairros paulistanos, campanhas de cura divina foram feitas, gerando uma dissidência que carregou quase a totalidade dos presbiterianos independentes do Cambuci. Estava, dessa forma, instituída no Brasil a Cruzada Nacional de Evangelização, que, alguns anos depois, se transformaria nas igrejas do Evangelho Quadrangular, o Brasil para Cristo e a Pentecostal Deus é Amor.¹¹

¹⁰ Éber Ferreira Silveira Lima. *Protestantes em confronto: conservadores e liberais na época de Vargas (1930-1945)*. São Paulo, Pendão Real, 2005.

¹¹ Sobre o acontecimento no Cambuci cf. Éber Ferreira Silveira Lima, “A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e o Pentecostalismo: Estudo de um Caso e Pistas Pastorais”, em Gutierrez, B. e Campos, Leonildo S., *Na força do Espírito*, Pendão Real, 1996.

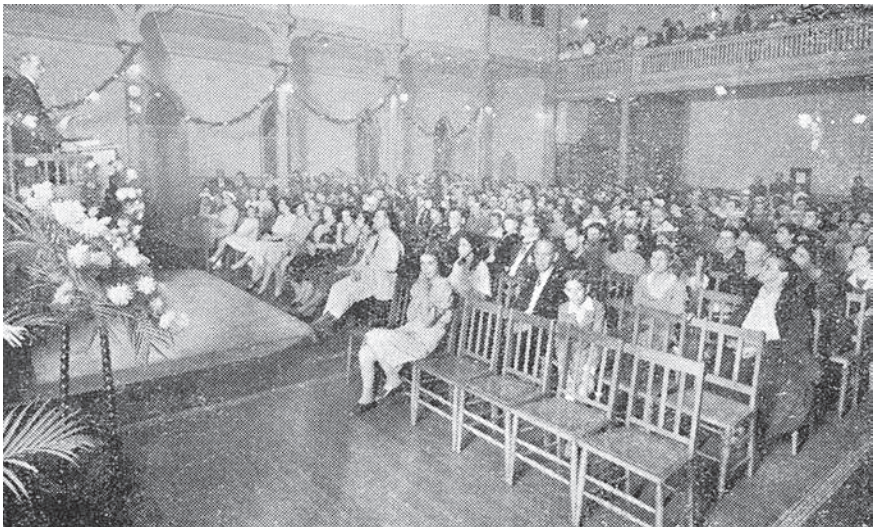
Seja como for, o clima cismático de 1972 era um pouco diferente do existente nos anos 50, pois agora predominava o esforço para se buscar um reavivamento espiritual de moldes carismáticos e pentecostais, aliado a uma intransigência que substituiu a apatia oportunista da política

eclesiástica anteriormente predominante na IPI. Mesmo assim, um novo cisma abalaria a IPI, dando origem a um presbiterianismo de rosto pentecostal, a hoje dinâmica Igreja Presbiteriana Renovada, que reuniu dissidentes da IPB e da IPI.

Ao lado disso, iria crescer também, talvez até por causa desses antecedentes, no último quartel do século XX, uma tendência desagregadora, um processo de perda da frágil identidade presbiteriana independente. Com isso houve um aumento no número de sub-culturas eclesiásticas e teológicas internas, em parte ligadas ao aumento no número de pastores com formação e de história progressa “estranha” à organização surgida em 1903.

Ganhou força também, durante esse período, por diversos motivos, o que Godoy chamou de “*o pecado do utilitarismo na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*”.¹¹ Uma de suas afirmações se tornaria clássica: “*tornamos a IPI do Brasil em mera organização utilitária que adornamos, enfeitamos, debuxamos e colorimos para que nos sirva de útil e conveniente instrumento em nossas mãos*”.

Realmente, as últimas cisões e quase-cisões experimentadas pela IPI no final do século XX demonstram a fisionomia e a prática utilitarista de pastores e líderes que moldam a igreja local à sua imagem e semelhança.



Templo da 1ª IPI de São Paulo, na Rua 24 de Maio

A IPI está hoje entrando, três anos após a comemoração de seu centenário, em uma nova etapa de sua peregrinação.

A tais frases poderíamos acrescentar uma assim estruturada: “e quando a IPI não mais oferece utilidade alguma, os agentes que se consideram ‘espertos’, abandonam-na tal como se faz com um objeto descartável”.

Realmente, as últimas cisões e quase-cisões experimentadas pela IPI no final do século XX demonstram a fisionomia e a

prática utilitarista de pastores e líderes que moldam a igreja local à sua imagem e semelhança. Depois, quando não lhes convém, eles se desinteressam pela organização que os acolheu e acabam abandonando a sua moldura institucional, especialmente quando esta não mais corresponde aos seus ideais de ministério ou de projeto de vida. Quando oportunidades como essas surgem, quaisquer desculpas são usadas, desde a vida particular deste ou daquele dirigente da Igreja, até decisões tomadas por outras denominações, mesmo que tais decisões sejam assumidas pela IPI tal como fazem outras denominações brasileiras tidas como “conservadoras” pelos próprios candidatos a se “estabelecerem por conta própria”.

É claro que tal forma de se comportar, aqui chamadas de “utilitaristas”, são fáceis de serem identificadas. Isto porque elas apanham simples motivos, que são transformados em “sérias” alegações bíblicas ou teológicas, para logo a seguir mobilizar o seu grupo. Assim surge uma nova comunidade “autônoma” e “livre”, obviamente “livre” tão somente de controles externos e institucionais. Assim, quase sempre iluminados pelo movimento neopentecostal, pelas práticas colocadas em circulação por tele-evangelistas e empreendedores norte-americanos, eles ousam, aproveitando-se dos ventos da pós-modernidade, fragmentar ainda mais a já tão débil organização religiosa herdada dos antepassados.

Em consequência disso, podem-se detectar inúmeros “projetos de Igreja”, que mobilizam pessoas e que estão por detrás da ação de agentes religiosos, os quais, nos concílios regionais e nacional assim como em comunidades espalhadas por quase todo o Brasil, procuram realizar *o um projeto particular de Igreja*. A denominação, por meio de seus concílios, não consegue, por mais esforços coletivos que faça, sobrepujar a esses projetos particulares carregados de utilitarismo. Cabe aqui perguntar: será que todos os modelos de “igreja em célula” reforçam a identidade institucional da IPI? Muitas de nossas ações missiológicas, administrativas e evangelizadoras não correm o risco de se tornarem ideologias que servem justamente para encobrir interesses ocultos destes ou daqueles indivíduos ou grupos?

2. ONDE ESTÁ E PARA ONDE CAMINHA A IPI BRASILEIRA?

A IPI está hoje entrando, três anos após a comemoração de seu centenário, em uma nova etapa de sua peregrinação. Todavia, ela está estabelecida no Brasil não por um mero acaso. Thomas Groome¹² escreveu: *“Os peregrinos só podem estar onde estão por causa do lugar onde estiveram os peregrinos antes deles, e estarão onde estiverem por causa do lugar onde estão agora”*. Todavia, falta aos peregrinos destes novos tempos uma visão clara de que são herdeiros de um passado rico. Há até muitos desses herdeiros que se sentem sem compromissos com o capital acumulado pela geração anterior e facilmente o jogam pela janela. Outros, simplesmente lhe dão as costas e vão se embora.

Por esse e outros motivos vive-se hoje tempos de enfraquecimento da memória acumulada na instituição. Consequentemente, não mais se busca transmitir aquela memória aos novos que vão chegando por adesão ou nascimento. Daí a fraqueza da educação cristã nas igrejas locais. Por causa disso, trocam-se facilmente as lealdades religiosas e institucionais como se muda uma peça qualquer do vestuário. Os especialistas chamam essa situação de pós-modernidade.

Nesse contexto podemos localizar agrupamentos religiosos sem identidade, desmemoriados, sem quaisquer ligações com o passado. A linhagem da memória passa a ser reconstruída a partir das emoções ou das ligações com um líder carismático. São elas “fraternidades eletivas”, como afirma uma estudiosa francesa, que se fundamentam nos sentimentos, os quais, porém, são passageiros e voláteis.

Anteriormente, contudo, não se podia imaginar uma Igreja ou denominação religiosa destituída de memória. Sobre isso H. Richard Niebuhr¹³ escreveu certa vez: *“Onde falte a memória comum, onde os homens não compartilhem o mesmo passado, não pode haver uma verdadeira comunidade, e onde se pretende formar uma comunidade deve-se criar a memória comum”*.

No entanto, assistimos hoje, no Brasil, o surgimento de centenas ou de milhares de comunidades “livres”, formadas por pessoas que renegaram as memórias de suas origens e que pensam ingenuamente que podem viver muito tempo

¹² Thomas Groome. *Educação religiosa cristã – compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo, Paulinas, 1985.

¹³ H. Richard Niebuhr. *The Meaning of Revelation*. New York, Macmillan, 1974



Cenas da celebração do Centenário da IPI do Brasil, no Ginásio de Ibirapuera, em São Paulo, no dia 16/8/2003



Mais de 15 mil pessoas lotaram o Ginásio do Ibirapuera, no Centenário da IPI do Brasil

sem memória. É claro que, mais cedo ou mais tarde, os seus respectivos grupos formarão novos núcleos de memória. Enquanto isso, eles enfrentarão esfriamento das motivações primeiras, processos de institucionalização, problemas administrativos iguais ou até mais graves dos que foram vivenciados em suas igrejas de origem. O ciclo tende a se repetir indefinidamente.

Possivelmente, no núcleo dessa falta de ligação do sujeito religioso com a instituição na qual ele nasceu ou onde religiosamente nasceu de novo, está a contínua reestruturação da identidade individual ou de grupo nessa sociedade pós-moderna. Procura-se, então, ser leal apenas enquanto o sentimento de lealdade dure ou o conjunto de características do grupo religioso permaneça mais ou menos útil e apresente soluções apropriadas para as necessidades e desejos daquele momento. Tão logo esgote esse sentimento de pertença, a lealdade é encaminhada para um novo alvo.

Uma das características desses novos crentes, tão carentes de novidades religiosas, é a necessidade de imaginar sempre “comunidades perfeitas”, “líderes realmente crentes” ou “igrejas tão puras e cheias de poder” quanto a “Igreja primitiva”, uma outra criação da imaginação insatisfeita com a “igreja que temos”. Tais crentes estão sempre à procura da “igreja maravilhosa”, a qual utilitariamente possam aderir. Se a saída para essa “igreja dos sonhos” não for possível por inúmeras razões, passa-se então a sonhar com o “pastor que vai chegar no ano que vem”. Ao chegar esse novo pastor, a imaginação é só temporariamente paralisada, até a metade do ano eclesiástico, época em que as esperanças se esvaem e lá estão novamente os crentes, outra vez, descontentes e utilitaristas, sonhando com a chegada de mais um novo pastor no ano que vem. Há, então, um processo de “fritagem” do pastor atual em benefício do “salvador da Igreja” que está por vir!

Podemos, por outro lado, considerar ser essa perda da capacidade de sonhar um sinal do fim das transformações e mudanças. O cristão reformado está estreitamente ligado ao “espírito protestante”, que é profético e traz consigo o desejo de contínuas reformas. Mas como equilibrar a busca do novo com a manutenção do velho? Os remendos novos com a estrutura antiga de um tecido que foi gasto pelo tempo?

Há também um outro problema que marca o “onde estamos” e cria dificuldades para se atingir os fins pretendidos, como uma igreja institucionalizada. Refiro-me à questão da gestão das coisas da Igreja por meio do governo eclesiástico. Como presbiteriana, a IPI admite o governo representativo, escolhido em eleições que transferem ao eleito a capacidade de representar, no concílio a que está jurisdicionado ou no superior, a base que o elegeu.

Tal forma de governo é tida pelos autênticos presbiterianos como ideal e perfeita. Porém, temos de reconhecer que o sistema presbiteriano de governo está apresentando enormes problemas na IPI e em outras igrejas de regime presbiteriano. Isto é perfeitamente perceptível no número de decisões tomadas e aceitas como “definitivas”, inclusive constitucionais,

mas que, logo em seguida, são rediscutidas e, às vezes, tornadas sem efeito. As pessoas que participam de um concílio tomam decisões coletivas em nome das bases, mas, ao chegarem às suas comunidades, referem-se aos concílios superiores como autoritários e ditatoriais.

Admite-se assim, antes e após a realização de um concílio, de uma forma leviana, uma dupla personalidade administrativa. Uma que é exercitada na igreja local e uma outra, enquanto membro de um concílio. Talvez, para salvar o sistema, possamos atribuir a indivíduos a culpa pela falência do sistema de se gerir os negócios da Igreja. Mas a causa dessa problemática não nasce da desvinculação burocrática entre os que decidem e os que devem cumprir as decisões tomadas? Um maior comprometimento de cada representante com as bases e com a identidade da Igreja não seria o início de um processo de reeducação conciliar e gerencial, privilégio de presbíteros e presbíteras como um todo?

Temos de reconhecer que o sistema presbiteriano de governo está apresentando enormes problemas na IPI e em outras igrejas de regime presbiteriano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É duro reconhecer que um sistema administrativo e uma identidade organizacional, fundados em princípios e representações que parecem eternos, podem envelhecer, perder a eficácia e entrar em processo de falência. Porém, esse hipotético fracasso pode acontecer muito mais por incompetência de gestão ou de decisão de pessoas humanas do que dos valerosos princípios que defendem.

Mas o que se pode dizer de inovações administrativas que pretendem dinamizar e provocar “empoderamento” e acabam gerando mais burocracia, envelhecimento e morte de uma organização? Ora, esse pode ser o caso de uma inovação administrativa colocada em prática pela IPI e que nos parece inédita no presbiterianismo mundial. Estamos nos referindo à realização de uma reunião da Assembléia Geral virtual para a escolha de uma diretoria, que, segundo a atual

“legislação eleitoral”, deve acontecer em um determinado dia e hora (tomando-se a hora de Brasília como referencial cronológico).

É obvio que essa assembléia historicamente ainda não aconteceu, pois ela é virtual. Mas como pode uma assembléia virtual escolher a sua direção, se ela ainda não aconteceu? Vale recordar que, na tradição presbiteriana, o presidente da Assembléia Geral ou do Supremo Concílio não tem a autoridade de bispo ou de papa, nem a Diretoria autoridade semelhante à de um colégio de cardeais. No sistema presbiteriano, o presidente é o moderador de uma assembléia, cuja soberania se manifesta após a sua instalação, elegendo a diretoria ou o seu “presidente-moderador”. Segue-se o argumento de que os componentes da Assembléia a ser presidida alguns meses depois poderão ser outros, que inclusive poderiam sentir a tentação de escolher um outro presidente!

Finalmente a pergunta: Para onde caminha a IPI após o seu centenário? É claro que não recebemos das ciências humanas, ponto de partida para estas reflexões, uma bola de cristal para adivinhar o seu futuro. Porém, podemos imaginar algumas alternativas, as quais, fria e cruamente, expomos por meio de “cenários”, que aqui funcionam como meras figuras de linguagem, criadas apenas para estimular o nosso júízo criador:

Primeiro cenário – reconhecer perante a Igreja Presbiteriana do Brasil e missões norte-americanas que o sonho de Eduardo Carlos Pereira e de seus companheiros, em 1903, infelizmente foi apenas um sonho não realizado por incapacidade de seus sucessores de lhe dar substância real ou por um equívoco da época. Deve-se, hipoteticamente nesse caso, junto com o pedido de desculpas, apanhar as chaves da Igreja e, simbolicamente, devolver a quem de direito.

Segundo cenário – redescobrir formas de convivência e de mútua tolerância entre as “micro-igrejas”, as quais como “sub-culturas” funcionam dentro da IPI, cada qual imaginando ser a verdadeira, legítima e perfeita “igreja de Cristo”. Nesse cenário, seria preciso descobrir estratégias de unificação, de reconstrução de uma identidade própria, de articulação de uma linguagem e memória que pudessem ser compartilhadas por todos os setores da Igreja.

Terceiro cenário – realimentar uma das “micro-igrejas”, fortalecê-la, dar a ela todo o poder para uma administração forte e centralizadora, para que possa impor sobre as demais partes a ideologia do mais poderoso. Cabe relemburar que essa *tentação totalitária* fez emergir, no século quarto, uma forma hegemônica de ser igreja cristã, a qual, aliada ao império romano, esmagou todas as demais formas de igrejas que, por toda parte, nasciam e prosperavam.

Quarto cenário – manter a fachada, reinterpretar o passado, colocar no



Revs. Mathias Quintela de Souza, Abival Pires da Silveira, Assir Pereira e Leontino Faria dos Santos

esqueleto uma nova carne que, embora continue sendo chamada de “presbiteriana independente”, dela somente mantenha o nome. O conteúdo, nesse caso, poderia ser pentecostal, liberal, conservador, neopentecostal, não importa. O certo é que, se esse cenário prevalecesse, haveria sempre um dialético salto de qualidade. Assim, a IPI poderia ser até uma grande Igreja, mas certamente nada teria daquela identidade que foi sua característica durante o seu primeiro século de vida.

São os presbiterianos independentes de hoje dignos da herança recebida dos que os antecederam nessa peregrinação de fé?

Outros cenários poderão ser imaginados, mas a realização ideal de qualquer um deles seria estarem temperados com amor, dedicação e esforço, em quantidade muito maior do que tem sido até agora demonstrada à IPI por seus filhos e filhas. São os presbiterianos independentes de hoje dignos da herança recebida dos que os antecederam nessa peregrinação de fé?

Podemos, para encerrar, parafrasear uma conhecida afirmação de um presidente norte-americano: *Neste momento não é hora de se perguntar o que a IPI pode fazer para cada um de seus membros ou comunidades locais, mas, sim, o que cada um deles pode fazer pela continuidade de sua denominação*, neste segundo centenário de vida organizacional.

O Rev. Leonildo Silveira Campos é professor do Seminário Teológico de São Paulo da Universidade Metodista de São Paulo

2

A IPI DO BRASIL E SUAS MULHERES VIRTUOSAS

Raquel Hein Ribeiro de Melo

“Querido Senhor da seara, nós mulheres presbiterianas independentes levantamos, em uníssono, nossas vozes nesta prece de gratidão pelo teu grande amor para conosco. ...Somos-te agradecidas pelo alto privilégio que nos concedes de trabalharmos na tua seara como servidoras do bem neste mundo endurecido pelo mal; do amor nos corações enegrecidos pelo ódio e do perdão nas almas dominadas pelo pecado. Em nome de Cristo, nós te agradecemos. Amém.”

Assim oraram nossas queridas irmãs ao término do 1º Congresso Nacional de Senhoras da IPI do Brasil em agosto de 1967. Vinte e uma federações se fizeram representar em São Paulo através das delegadas oficiais. O número das senhoras atuando como sócias ativas nas 230 Sociedades Auxiliadoras de Senhoras (SAS) ultrapassava a casa dos 5.000. A Federação de São Paulo era a maior e contava com 512 sócias arroladas.

Neste primeiro Congresso Nacional foi escolhida a 1ª Diretoria, para o biênio 1967-68, composta por: Maria Clemência Mourão Cintra Damião, presidente; Helena Pita Guida, vice-presidente; Eloína Lopes da Costa, 1ª secretária; Berenice Neves Camargo, 2ª secretária; Maria de Lourdes Silva de Moraes, tesoureira; Neuza Melo Amaral Tarcha, secretária executiva.

Faziam parte da Assessoria da Confederação as seguintes irmãs: Érica Marques Ribeiro, de Santos, SP; Raquel Ribeiro de Melo, do Cambuci, em São Paulo, SP; Auta Tiziani Ferraz, de Campinas, SP; Isabel Almenara de Melo, de Espírito Santo do Pinhal, SP; Maria Julia Lopes, de Machado, MG; Mirian de Souza Lima, do Rio de Janeiro, RJ; Luzia de Lourdes Carnaval da Silva, do Rio de Janeiro, RJ; Vera Borges Campos, de Votuporanga, SP; Ruth de Campos Santos,

de Presidente Prudente, SP; Lourdes Correa de Souza, de Assis, SP; Beatriz Nogueira do Vale, de Barra Grande, SP; Carmen de Souza Rodrigues, de Marília, SP; Ivanice Oliveira, de Pirapozinho, SP; Maria de Lourdes Carmo Ferreira, de Curitiba, PR; Blanche Teixeira Fernandes, de Londrina, PR; Erse Adolfo Chaves, de Rolândia, PR; Marília D. Carvalho, de Brasília, DF; Eunice Sant'Ana Santolin, de Joinville, SC; Estherlinda Cruz, de Aracaju, SE; Isa Figueiredo, de São Luiz, MA; Beatrice Granatto Borges, de Manaus, AM.

Outras irmãs em meio a muitas anônimas, em vários períodos, atuaram na diretoria da Confederação, como dedicadas colaboradoras: Nilza Guércio Duarte, Ana Jerônimo, Lecyra Mota Roche, Vilma de Oliveira César, Iacy do Vale Nogueira, Asseneth Tamarozi, Umbelina Bologna.

Abençoadíssimo, o Congresso gerou entusiasmo contagiante que se espalhou por toda a Pátria! Imediatamente, as valorosas irmãs eleitas colocaram-se na luta e os frutos sazonados logo apareceram.

Um cancionero foi elaborado pelas irmãs Odete Ferreira Barros Lima, Suely Machado Carneiro de Moraes e Rute Silveira Lima. Nele estava o Hino Oficial das Senhoras, que teve sua origem na Federação de Botucatu e foi escrito pelo Rev. Adolpho Machado Corrêa, professor da Faculdade de Teologia. Era cantado com a segunda música do hino 576, do antigo *Salmos e Hinos*. Suas estrofes falam das virtudes cristãs que devem adornar o caráter da mulher crente:

Hino das Senhoras Cristãs

Valorosas companheiras, em Jesus devemos ter
As virtudes verdadeiras, que refletem seu poder!
Neste santo empreendimento, sempre oremos com fervor!
Confiança e fundamento, no bom Deus devemos pôr.

*Ó senhoras resolutas, no labor que não tem par!
Deus dirige as nossas lutas! Vamos todas trabalhar!*

Quão ditoso e doce abrigo é o lar que Deus bendiz!
Em Jesus divino amigo, nosso lar é tão feliz!
É jardim em que gozamos da presença divinal,
Onde os filhos educamos no caminho sem igual!

Ó Senhor, que a Bíblia seja um tesouro de lições,
Despertando o lar e a igreja, abrasando os corações!
Este livro esplendoroso, traduzido em bênçãos mil,
Evangelho poderoso, proclamemos no Brasil!

AS FEDERAÇÕES

A lista das Federações e suas presidentes é a seguinte, conforme aparece no Boletim Comemorativo do 1º Congresso: Alta Paulista, Sofia

Santos; Araraquarense, Berenice Rodrigues Bueno; Assis, Ruth de Campos Santos; Botucatu, Beatriz Nogueira do Vale; Brasil Central, Marilena de Carvalho; Ipiranga, Suely Maria Carneiro de Moraes; Leste, Elisa Gouvêa Mendonça; Londrina, Erse Adolfo Chaves; Maringá, Otilia Leonel Monteiro; Nordeste, Estherlinda Cruz; Norte, Persides Barbosa de Sabóia; Oeste, Izabel Almenara de Mello; Oeste do Paraná, Isolina Augusta de Moraes; Osasco, Maria de Lourdes Silva Moraes; Paulistano, Zuleika Camargo dos Santos; Rio de Janeiro, Luzia de Lourdes Carnaval da Silva; São Paulo, Helena Pitta Guida; Santa Catarina, Eunice Sant'Ana Santolin; Sul de Minas, Dirce Carvalho Caixeta; Sul de São Paulo, Dionésia Silveira Leme; Sul do Parná, Glacy Stori de Brito.

Nas Sociedades de Senhoras, *Alvorada* inspirou, informou, orientou, uniu em uma só família dezenas de milhares de filhos do grande Rei, fazendo nascer e frutificar em seus corações um só desejo: servir a Cristo



Aniversário da Confederação em Londrina, agosto de 1980. A Profa. Iaci do Vale Nogueira recebeu troféu das mãos da Neide Oliveira Machado, ao lado da Profa. Isva Xavier, presidente SAS e D. Maria de Lourdes, tesoureira



Representantes de Federações apresentando versos referente a sua federação, escritos por Beatriz Nogueira, no aniversário da Confederação, em agosto de 1980, em Londrina, PR



Participantes do 6º Congresso, em São Bernardo do Campo, SP



Participantes no 7º Congresso, em 1984, na cidade de Recife, PE, e Maria Clemência Damião, a primeira presidente da Confederação de Senhoras (1967 a 1969)



A nova diretoria da Confederação de Senhoras ouviu o jogral apresentado pela diretoria que se despediu, em julho de 1981, em Recife, PE



8º Congresso Nacional de Senhoras, em 1984, na cidade de São Bernardo do Campo, SP



A Profa. Raquel Hein Ribeiro, presidente da Confederação (1981-1984), ouvindo uma representante de Federação no 8º Congresso, onde o Rev. Abival Pires da Silveira impetrou a bênção



A banda da cidade fez a recepção em Machado, MG, no aniversário da Confederação, em agosto de 1979. No alto, membros da diretoria (1978 a 1981): Dicla Mendes, Isva Ruth Xavier e Miriam Monteiro Puccio

REVISTA ALVORADA

Em 1968, a presidente, Dra. Maria Clemência Damião, convidou o Rev. Francisco de Moraes, secretário presbiterial da Federação do Ipiranga, para ser o responsável pela publicação de um boletim comemorativo e de boletins mensais que, mimeografados, seria distribuídos pelas Federações. O Rev. Francisco, confiante e entusiasmado com o trabalho feminino, sugeriu que, no lugar de simples boletim, nascesse uma revista impressa, que se tornou o órgão oficial da Confederação. Em um concurso para a escolha do nome da nova revista, foi vencedora a sugestão da irmã Jaci Terra Alves, da SAS de Santos, SP.

O primeiro número da revista *Alvorada* foi publicado em 3 de fevereiro de 1968 e, por décadas, encantou a Igreja Nacional. Em 1968, sua tiragem foi de 4.000 exemplares; em 1969, 5.000; e, em 1970, sua grande aceitação possibilitou uma tiragem de 10.000 exemplares. Com o objetivo de servir a causa do Mestre, seu lema estava na capa “Consolidar para realizar – nós temos esta missão”.

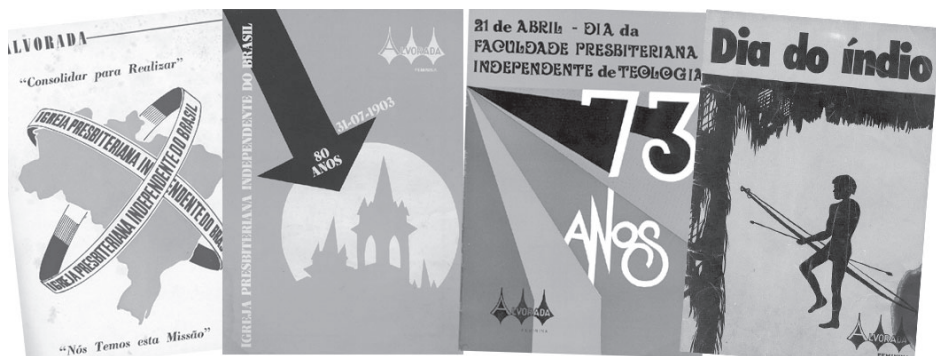
Sua equipe era composta pelo Rev. Daily Rezende França, presidente do Supremo Concílio e pastor da 1ª IPI de São Paulo, assessor da Comissão de Imprensa e Comunicação da IPI do Brasil; Rev. Rubens Cintra Damião, seu diretor e também vice-presidente do Supremo Concílio; Isolina Magalhães Venosa, redatora responsável; Rev. Francisco de Moraes, diretor-tesoureiro e revisor; Profa. Suely Maria Carneiro de Moraes, secretária; Dra. Ílbia Jansen Cintra Damião e Ruth Moura França, redadoras.

Cumprindo sua missão, Alvorada se fez grande, contando com 20.000 assinantes em 1978. Em suas páginas, inspirados artigos, poesias e páginas imorredouras foram escritas por ilustres pastores e senhoras de fé! Quantas sugestões de programas, poesias, acrósticos, dramatizações e cânticos re-

Cumprindo sua missão,
Alvorada se fez grande, contando
com 20.000 assinantes em 1978.
Em suas páginas, inspirados
artigos, poesias e páginas
imorredouras foram escritas por
ilustres pastores e senhoras de fé!



O Rev. Francisco de Moraes foi o primeiro tesoureiro da Revista Alvorada



Capas da Revista Alvorada

fletiam amor pela igreja e pelo reino de Deus! Orientações quanto a missões, ação social, vida espiritual (oração, leitura da Bíblia, culto doméstico), escola dominical, vocações para o seminário estavam sempre na pauta. Com que alegria eram aguardados os seus números!.

Nas Sociedades de Senhoras, *Alvorada* inspirou, informou, orientou, uniu em uma só família dezenas de milhares de filhos do grande Rei, fazendo nascer e frutificar em seus corações um só desejo: servir a Cristo

A PEQUENA MOEDA

Trabalho tipicamente feminino, exigia paciência, persistência, fé, humildade e muito amor: guardar moedas pequeninas, quase sem valor, mas que, juntas com um só objetivo, cresceram de tal maneira que alimentavam, vestiam e propiciavam educação aos pequenos órfãos do nosso amado Bethel. Era emocionante ver senhoras de todo o Brasil levarem à frente, nas reuniões das SAS, enquanto cantavam e oravam, as moedinhas embrulhadas em lenços ou saquinhos de papel, frutos de seus corações amorosos.

Era emocionante ver senhoras de todo o Brasil levarem à frente, nas reuniões das SAS, enquanto cantavam e oravam, as moedinhas embrulhadas em lenços ou saquinhos de papel, frutos de seus corações amorosos.

era emocionante ver senhoras de todo o Brasil levarem à frente, nas reuniões das SAS, enquanto cantavam e oravam, as moedinhas embrulhadas em lenços ou saquinhos de papel, frutos de seus corações amorosos.

O resultado custeava despesas de missionários e preletores e ajudava a obra missionária, como a realizada pelo Rev. Ryoshi Iizuka na Casa do Professor, em

Pimenta Bueno, RO, ou a Missão Caiuá, em Dourados, MS. Ajudou também na formação dos filhos dos missionários. Era um trabalho para o qual todas podiam contribuir. A regularidade na contribuição era estimulada e, no VI Congresso

Nacional, foram entregues 26 cofres, resultado do trabalho de cada Federação de Senhoras.

As cadernetas de poupança constituíram uma outra realização de amor! Dezenas foram abertas e destinadas aos filhos dos missionários, logo que nasceram. A cada trimestre, a tesoureira da revista Alvorada efetuava os depósitos com o dinheiro recebido das pessoas e grupos de diversas igrejas.

ADOLESCENTES

A Confederação liderou a organização de vários grupos de trabalho com adolescentes, até então inexistente nas federações, tendo sido estabelecido o “DIA – Departamento de Integração de Adolescentes”. Através dele foram feitos inúmeros treinamentos de liderança, congresso de adolescentes e lançamento de cadernos de orientação para líderes. Em 1979, a Comissão de Atividades Leigas da IPI fez a nomeação de uma orientadora nacional dos adolescentes.

EVENTOS

Os aniversários da Revista Alvorada, no dia 3 de fevereiro, eram comemorados pelas Federações, com festa e programas especiais, muito bem recebidos nas igrejas. O mesmo ocorria com a data de aniversário da Confederação, dia 15 de agosto.

A Confederação visitava as federações nos congressos regionais, estimulando as senhoras em todo o Brasil. Na gestão de Isva Xavier, foram criados grupos de liderança para cada área de atividades como ação social, espiritual, missionária, jovens e senhoras. Em várias regiões, promoveram-se encontros com a presença de todos os departamentos da Confederação, reunindo as SAS por sínodos, com debates sobre planejamento de trabalho, o que animava as senhoras e fortalecia o crescimento da igreja..

Os congressos nacionais, realizados a cada dois anos, entre 1967 e 1984, foram extraordinários pela presença das irmãs, pastores, líderes, pregadores oficiais, com programas bem elaborados, servindo de inspiração para a caminhada na seara presbiteriana independente. O primeiro, realizado no Seminário de São Paulo,

elegeu a diretoria que atuou por um biênio, entre 1967 e 1969. O segundo, no Instituto José Manoel da Conceição (JMC), em Jandira, SP, elegeu como presidente Eloina Lopes Corrêa, (1970/71). O terceiro, em Londrina, PR, teve como presidente Odete Ferreira de Barros Lima (1972/73) Em Anápolis, GO, foi eleita presidente Else Rosa dos Reis (1974/75) O quinto foi realizado em Sorocaba e teve como presidente Alice Pereira do Amaral Camargo (1976/77). No sexto congresso, em Curitiba, PR, foi eleita Isva Ruth Xavier (1978/81). A presidente eleita no sétimo congresso em Recife, PE, foi Raquel Hein Ribeiro (1981/84). Em São Bernardo do Campo, SP, foi feito o último congresso, tendo sido eleita Miriam Monteiro Puccio, que permaneceu no cargo até 1987.

NOVA ESTRUTURA

No ano de 1987, homens e mulheres passaram a fazer parte de uma nova estrutura de trabalho. Varonis e senhoras se uniram, formando a Coordenadoria Nacional de Adultos. A Sociedade Auxiliadora de Senhoras e a Sociedade Varonil deram lugar à Coordenadoria Local de Adultos, uma nova organização que, no entanto, até hoje não teve plena aceitação. Em algumas igrejas permaneceram as



I Encontro Nacional de Forças Leigas, de 20 a 24 de julho de 1987, na Igreja Presbiteriana de Fortaleza - Rev. Assir Pereira no púlpito



Logomarca da Secretaria Nacional de Forças Leigas

SAS e a Varonil; em outras, surgiram sociedades alternativas; em outras ainda, funcionam plenárias separadas (masculina e feminina), unindo-se na devocional e em uma plenária para decisões finais. Ou seja, o trabalho leigo por outras formas – homens, mulheres, moços, adolescentes e crianças – continua em nossa igreja servindo ao Grande Senhor! Somos milhares de leigos e nossa oração continua a mesma: conquistar o Brasil para Cristo!

A Profa. Raquel Heim Ribeiro de Melo foi presidente da Confederação de Senhoras entre 1981-1984. Colaborou Isva Ruth Xavier, que também foi presidente (1978-1981).

3

SECRETARIA DE EVANGELIZAÇÃO – O QUE PENSAMOS E O QUE FAZEMOS

Rev. Antônio Carlos Alves

TRAZENDO À MEMÓRIA...

Quero iniciar com a **Declaração da 2ª Consulta Missionária da IPI do Brasil**, realizada em Londrina, PR, de 29 de janeiro a 2 de fevereiro de 1992, e que resultou no livro *Paixão Missionária*, editado em 1994 pela Secretaria de Missões (SMI), editado pelo Rev. Éber Ferreira Silveira Lima:

“Os participantes da 2ª Consulta Missionária da IPI do Brasil reconhecemos e declaramos:

- a) que as próprias igrejas locais são agentes da missão e que missões são programas de avanço da igreja visando a execução do mandato missionário, que envolve atingir o mundo tanto no plano espiritual como social;*
- b) que, para missionar no Brasil, é preciso levar em conta, também, as condições de nosso próprio continente, com o qual temos problemas comuns, cujos desdobramentos nos têm conduzido às contradições de nossa sociedade;*
- c) que a base missiológica é a promessa e a vinda do Reino, já revelado na vida, morte e ressurreição de Cristo e confirmado pelo Espírito Santo em Pentecostes;*
- d) que se impõe, urgentemente, aprendermos a fazer uma leitura*

missionária da Bíblia, para que evitemos os perigos do doutrinismo, do individualismo, da espiritualização e do moralismo (grifos meus), que nos impedem de compreender com clareza a essência viva do Evangelho de Jesus Cristo.

Sugerimos, para exame e adoção por parte da Igreja, as seguintes considerações e propostas:

1 – QUANTO À FORMAÇÃO DE MISSIONÁRIOS

A missão da igreja é tarefa de todo o povo de Deus, baseada na doutrina do sacerdócio universal dos crentes e exercida de acordo com os dons e ministérios que o Espírito Santo a ele concede.

A formação missionária começa na igreja local e deve chegar até os seminários teológicos, a fim de que se faculte o exercício de modelos missionários consoantes com a própria diversificação de dons, preservando assim a identidade teológica e missiológica reformada.



Participantes da II Consulta Missionária da IPI do Brasil, em Londrina, PR, em 1992

2 – QUANTO À BASE MISSIOLÓGICA

O Deus que é o Criador, Redentor, Libertador e Senhor da criação, age na história humana com propósito salvífico, de que faz parte a igreja como instrumento do Reino, pois ela, chamada e enviada por Deus, deve ser submissa à própria missão de Deus.

O ministério de Jesus foi impregnado da ação do Espírito Santo e pela mesma deve a igreja ser motivada e capacitada para o cumprimento da missão, até que Deus reúna em Cristo todas as coisas.

3 – QUANTO À ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA

Há um vazio na IPI quanto à questão de estratégia missionária, assunto que toca à igreja discutir, porque uma boa estratégia é indispensável para a eficácia do seu trabalho missionário. Toda estratégia deve ser profundamente contextualizada, em razão do que, não existem padrões estabelecidos e definidos.

A consecução desses objetivos deve contar com a produção de materiais didáticos adequados e com treinamento e reciclagem de líderes (ordenados e não ordenados), que são fundamentais para a caminhada da igreja.

4 – QUANTO À MOBILIZAÇÃO E ESTRUTURA MISSIONÁRIA DA IGREJA

Em sua mobilização missionária, inspirada no modelo da primeira mobilização feita por Jesus, enviando seus discípulos a Jerusalém, Judéia e Samaria, é necessário que a igreja leve em consideração as diferentes situações do mundo em que vivemos, desenvolva uma teologia missionária competente, acompanhe e promova a implantação de seus projetos de secretarias locais, presbiteriais e sinodais.

5 – QUANTO À ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA

A espiritualidade cristã e missionária, gerada pelo Espírito Santo, é marcada por um fiel ensino da Palavra, por uma amorosa atitude de oração, por uma transparência em todos os relacionamentos, sem qualquer tipo de discriminação e pela manutenção de uma constante atitude de oração, manifestada no culto individual e comunitário que celebra a presença de Deus entre nós.

A missão integral preocupa-se em proclamar o Reino de Deus ao ser humano, considerando seu contexto histórico, sua situação econômica, política e social e, até mesmo, suas expressões religiosas.

6 – QUANTO AO MISSIONÁRIO NO CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO ECLESIAÍSTICA

Deve-se buscar uma reforma da Constituição da IPI do Brasil para que o missionário não-ordenado, bem como, o evangelista (homem ou mulher), encontrem abrigo legal para o exercício do seu ministério.”



Pessoas presentes no culto de inauguração IPI de Juti, MS

13 ANOS DEPOIS

Passados 13 anos, celebramos algumas conquistas, mas temos muito por ser alcançado ainda:

Hoje temos dois CTMs (Centros de Treinamento Missionário) – Natal, RN, e Campinas, SP – para capacitar irmãos e irmãs, chamados para a obra missionária em território brasileiro e ou fora dele. O CTM de Cuiabá, por decisão da então diretoria da SMI, foi fechado ao se sentir que já havia cumprido seu papel naquele lugar e para conter os gastos elevados com a manutenção de sua estrutura. Quanto ao CTM-Sul, pelos mesmos motivos, a Comissão Executiva da Assembléia Geral, atendendo a um pedido do Sínodo Meridional, tomou idêntica decisão.

Perdemos com estas decisões? Sim, com toda certeza, pois gostaríamos de mantê-los funcionando, formando missionários, principalmente para atender às necessidades da IPI do Brasil e das regiões onde eles estavam. No entanto, perderíamos muito mais se os mantivéssemos, pois, com os recursos que eram destinados a esses CTMs, a partir dessas medidas, passamos a aplicá-los fortalecendo alguns campos e investindo em novos projetos, para atender às necessidades de outras regiões. É preciso lembrar também que, a partir da reforma administrativa da IPI do Brasil, os CTMs não estão mais vinculados à Secretaria de Evangelização e, sim, à Fundação Eduardo Carlos Pereira.

A Lei Ordinária de 1999 – “DOS MINISTÉRIOS ORDENADOS E NÃO-ORDENADOS NA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL” – Capítulo III – “Do Ministério Missionário” – regulamenta a situação do missionário não-ordenado quanto à sua formação e jurisdição, concedendo-lhe, também, licença para atos pastorais: “Art. 14 - O missionário que não for ministro ordenado deverá ter curso médio de teologia ou seu equivalente, e deverá ser membro de uma igreja local, a qual exercerá sobre ele o poder de jurisdição. Parágrafo Único: O missionário não ordenado só terá direito de admissão à ordem pastoral nos termos estabelecidos pela igreja. Art. 15 – Em casos muito especiais, e a critério do seu presbitério, o missionário poderá obter licença temporária, para celebrar os atos pastorais, excluindo-se assumir à presidência de Conselho da igreja local”.

- 1) Estamos providenciando a reciclagem de todos os nossos missionários, com encontros e congressos.
- 2) Temos o DCII (Departamento de Crescimento Integral de Igrejas) que mantém sob seu guarda-chuva o Projeto Natanael.
- 3) Com a reforma do “Manual do Missionário” e dos “Critérios Missi-

onários”, em setembro de 2003, a Secretaria de Evangelização retomou a responsabilidade de avaliar e contratar missionários para os campos onde ela é ou venha a ser parceira.

Missão integral é, pois, “a boa notícia de Deus, dada a pessoas concretas”, em circunstâncias reais e com necessidades reais.

O GRANDE DESAFIO

Entender e fazer-se entendida a missão, em suas bases bíblicas e teológicas, é o grande desafio que permanece. “Missão”, “fazer missões”, “missionar”, ainda são sinônimos de “preocupação com as almas”, de “amor pelas almas”, visão fragmentada da verdadeira “Missio Dei”, missão encarnada, missão integral.

Assim como nossa herança teológica dividiu o ser humano, também dividiu e subdividiu a Missão de Deus, legando-nos uma interpretação deficiente da missão da igreja, valorizando apenas um aspecto da missão (o Kérigma, proclamação), esquecendo-se de outros, importantíssimos à realização da missão integral (Diaconia, Koinonia e Liturgia).

A missão integral preocupa-se em proclamar o Reino de Deus ao ser humano, considerando seu contexto histórico, sua situação econômica, política e social e, até mesmo, suas expressões religiosas. A missão integral não nega a ordem do Senhor Jesus Cristo, ao comissionar seus discípulos: “Vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores...” (Mt 28.19). A razão primária da missão é o kériigma. Mas a missão integral dá vida à proclamação, redescobrimo outros elementos interligados à mesma, que completam o mandamento de Cristo: “Batizando esses seguidores em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado...” (v.20). O Evangelho de Marcos é até mais enfático: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem o evangelho a todas as pessoas... Aos que creem será dado o poder de fazer estes milagres: expulsar demônios pelo poder do meu nome... quando puserem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados” (Mc. 16.15, 17, 18). Observemos que a missão dos discípulos não era somente curar os tormentos da alma; era, também, levar a esperança da cura de males físicos, a restauração da dignidade, da vida. Missão integral é, pois, “a boa notícia de Deus, dada a pessoas concretas”, em circunstâncias reais e com necessidades reais.

Hoje, nosso grande desafio é fixar ainda mais esse conceito, valorizando, sim, a proclamação, incentivando a retomada de uma ação evangelizadora mais audaciosa, mais agressiva, lembrando sempre que o alvo desta proclamação é, e sempre deverá ser, vidas transformadas em serviço, comunhão e adoração.

Hoje, nosso grande desafio é fixar ainda mais esse conceito, valorizando, sim, a proclamação, incentivando a retomada de uma ação evangelizadora mais audaciosa, mais agressiva, lembrando sempre que o alvo desta proclamação é, e sempre deverá ser, vidas transformadas em serviço, comunhão e

adoração. Com este propósito, em nossos projetos, temos procurado levar conosco a Secretaria de Diaconia, que tem sido nossa parceira nos projetos Sertão e Amazonas.

Com a reforma administrativa, aprovada na Assembléia Geral de 27 a 29 de janeiro de 2005, em Sorocaba, SP, a IPI do Brasil deu mais um grande passo em direção ao entendimento e à prática da missão integral, criando o Ministério de Missão, no qual estão as Secretarias de Evangelização, Diaconia, Ação Pastoral e da Família.

NOSSOS PROJETOS

PROJETO SERTÃO I: PARCERIA IPIB/SMI – PCUSA – OUTREACH FOUNDATION

O Projeto Sertão I, iniciado em 1999 e com o término previsto para o final deste ano, plantou sua sede na cidade de Patos, PB, de onde alcançou outras quatro cidades, São Mamede e Malta, no Estado da Paraíba, Cruzeta e Caicó, no Rio Grande do Norte. Na cidade de Patos, bairro Jardim Queiroz, já temos um belíssimo templo construído; no bairro de São Sebastião, foram construídos um prédio multi-uso e uma pré-escola, (que começou a funcionar em abril de 2003), uma casa pastoral (necessitando apenas de algumas reformas) e um terreno onde será construído o templo. Nas cidades de Malta e São Mamede, já temos os templos construídos. Na cidade de Cruzeta, temos um templo e uma casa pastoral e, na cidade de Caicó, temos um templo construído em um terreno grande, onde poderá ser



Templo em Cruzeta, RN



Templo em Caicó, RN



Templo em Malta, PB

construída, também, uma casa pastoral. Na **área social**, também algumas grandes conquistas: Programa de Convivência Digna com o Semi-Árido. Com a parceria de algumas igrejas norte-americanas e de uma organização não-governamental (ONG), foram construídas, na zona rural, 75 cisternas para armazenar água das chuvas, com previsão de construção de mais 50 ainda neste ano, atendendo, assim, uma das maiores necessidades das famílias sertanejas.

Além disso, estão em desenvolvimento: Projeto de Segurança Alimentar, com a participação de nossas Igrejas, em algumas cidades, no Conselho Municipal de Segurança Alimentar; Programa Saúde Integral (ginástica para mulheres, ministrada pela esposa do Missionário Rev. Jango);



Rev. Cláudio falando à família ribeirinha, no Amazonas



Revs. Antônio Carlos Alves, Presb. Pedro Henrique dos Santos, Rev. Jonas Furtado do Nascimento (de pé) e Revs. Gerson Correia de Lacerda, Ricardo Suayze e José Carlos Pezini

Programa de Desenvolvimento Integral (pré-escola, alfabetização de jovens e adultos e complementação escolar).

Ainda nesta área, possuímos alguns recursos para a implementação do Programa de Produção Trabalho e Renda, visando promover a libertação econômica de algumas famílias sertanejas e o auto-sustento dos campos.

Esses programas e projetos estão sob a responsabilidade de Bethel/Patos, PB, uma Unidade Prestadora de Serviços (UPS) da Associação Bethel. Nossa equipe missionária no Projeto Sertão é coordenada pelo Rev. Jango Magno Fernandes Miranda.

Contando com nossos atuais parceiros e, primeiramente com a graça de Deus, iniciaremos, em 2007, o Projeto Sertão II, alcançando as cidades de Pombal, Souza e Cajazeiras, possibilitando assim, no futuro, a formação do Presbitério da Paraíba.



PROGRAMA AMAZÔNIA

A Amazônia, conforme nossa história eclesiástica foi uma das primeiras preocupações missionárias da IPI do Brasil. Em 1955, a recém formada “Junta de Missões” enviou seu primeiro missionário, o Rev. João de Godoy, exatamente para a cidade de Manaus. O segundo missionário, sucessor do Rev. João, foi o Rev. Mário de Abreu Alvarenga (1956). Portanto, a IPI do Brasil, através da Junta de Missões, hoje Secretaria de Evangelização, sempre esteve presente na região amazonense. Hoje, temos ali um Presbitério,



Rev. Cláudio,
Miss. Evandro e o
Rev. Antônio
Carlos na
reinauguração do
barco Pendão
Real II

composto por 5 igrejas. A partir de 1999, quando era presidente da Assembleia Geral o Rev. Leontino Farias dos Santos, a IPI do Brasil fortaleceu ainda mais os trabalhos da região com a abertura de um escritório da Igreja Nacional e a extensão do Seminário de Fortaleza, em Manaus.

Atualmente, intensificando o conceito da Missão Integral, com nossas parcerias e a reconstrução do barco Pendão Real II, estamos executando o Programa Amazônia com duas parcerias importantes: Visão Mundial e Asas do Socorro. Solicitamos a presença da Secretaria de Diaconia no Projeto, instalando em Manaus um braço da Associação Bethel, pelo qual foi estabelecida uma parceria entre a IPI do Brasil e a Visão Mundial. A Secretaria de Evangelização, com o Projeto Lagos, realiza a obra evangelizadora, enquanto Bethel/Visão Mundial/Asas do Socorro dão assistência às crianças e à carente população ribeirinha.

Nossa equipe missionária do Projeto Amazonas conta com o Rev. Cláudio Reinaldet (coordenador), Missionário Evandro Bindá, Missionária Ester Camillo (Asas do Socorro), Missionários Anderson e Hilma (Asas do Socorro) e Missionário Valdir. Negrão Pinheiro. O Projeto conta também com a participação de voluntários de nossas igrejas de Manaus. Para que a equipe e nossos parceiros pudessem iniciar os trabalhos com segurança, recentemente foi feita uma reforma completa no barco “Pendão Real II”, que passou a ser um barco hospital, com um consultório odontológico e um consultório médico.

PROJETO PRESBITÉRIO GAÚCHO

Nosso projeto prevê a organização, no prazo mais curto possível, do “Presbitério Gaúcho”

Depois de algum tempo tentando trabalhar alguns campos, com a graça de Deus, podemos dizer que chegamos ao Rio Grande do Sul. Nosso projeto prevê a organização, no prazo mais curto possível, do “Presbitério Gaúcho”. Estamos investindo no sentido de fazer desse sonho uma realidade.

Temos hoje duas igrejas organizadas que são Passo Fundo e Porto Alegre, mais cinco trabalhos abertos (bairro Dona Júlia, em Passo Fundo; Canoas; Gravataí; Santa Maria; e Viamão). Estamos comprando um terreno em Porto Alegre para a construção do templo. Nos-

so grande desejo é ter em breve mais duas igrejas organizadas, possibilitando, assim, a formação do novo presbitério.

Sob a coordenação do missionário Rev. Casso Vieira, a equipe missionária do Projeto Presbitério Rio Grande do Sul conta com 8 missionários (2 em Porto Alegre, 2 em Passo Fundo, 1 em Canoas, 1 em Gravataí, 1 em Viamão e 1 em Santa Maria).



Templo em Chapecó, SC



Salão de culto em Porto Alegre, RS



Salão de culto em Canoas, RS



Salão de culto em Gravataí, RS



Salão de culto em Novo Hamburgo, RS



Salão de culto em Santa Maria, RS

OUTROS CAMPOS

Além do Projeto Sertão, Programa Amazônia e Projeto Presbitério Gaúcho, a Secretaria de Evangelização está trabalhando em mais 38 campos, e conta com um quadro geral de 58 missionários, entre eles, 4 atuando fora do país: Delci Esteves (Maputo, Moçambique, na África); Silas e Ioná Barbero (entre povos mulçumanos e atualmente no Brasil, preparando-se para voltar aos campos); Rev. Gerson Mendonça Anunciação (Igreja Presbiteriana Cristo é Vida, Fall River, MA, Estados Unidos).

CAMPOS PARCERIA

Para um futuro não muito distante, estamos elaborando um projeto para o crescimento da IPI do Brasil a partir de esforços conjuntos entre sínodos, presbitérios e igrejas locais.



Trabalho missionário em Salinas, MG

Campos	Parceria
<ul style="list-style-type: none"> • Cacoal, RO • Linha 14 • Linha 123 • Maputo-Moçambique • Povos Muçulmanos (Silas) • Projeto Siloé / Florianópolis, SC • Rio Branco, AC • Seringueiras, RO • Sinop, MT 	Campos da Secretaria de Evangelização
• Salinas, MG	IPI 1ª Belo Horizonte. MG
• Palmas/B.Taquaralto, TO	IPI Central Palmas, TO
• Itajaí, SC	IPI Estreito / Florianópolis, SC
• Chapecó, SC	IPI de São Francisco do Sul. SC
• Sinop, MT	IPI de Sinop
• Ribeirão Preto, SP	Presbitério Araraquarense
<ul style="list-style-type: none"> • Barreiras, BA • Itabuna, BA • Itapetinga, BA • Lauro de Freitas, BA 	Presbitério Bahia
• Três Lagoas, MS	Presbitério Campo Grande
<ul style="list-style-type: none"> • Alta Floresta d'Oeste, RO • Cuiabá, MT 	Presbitério Mato Grosso/Rondônia
• Juti, MS	Presbitério Mato Grosso do Sul
<ul style="list-style-type: none"> • Campina Grande, PB • João Pessoa, PB 	Presbitério Nordeste
• Imperatriz-MA	Presbitério Norte
<ul style="list-style-type: none"> • Jaboatão dos Guararapes, PE • Recife, PE 	Presbitério Pernambuco/Alagoas
<ul style="list-style-type: none"> • Guarapari, ES • São Mateus, ES • Vila Velha, ES 	Presbitério Rio de Janeiro
<ul style="list-style-type: none"> • Arapiraca, AL • Boquim, SE • Estância, SE • Lagarto, SE • Pão de Açúcar, AL • Tobias Barreto, SE 	Presbitério Sergipe
• Camaragibe, PE	Sínodo Nordeste



Salão de Culto em Barreiras, BA



Salão de Culto em Vila Velha, ES

Como dissemos no início, repetimos: ainda temos muito por alcançar. Temos a consciência de que muito ainda precisa ser feito. Precisamos encontrar o caminho do crescimento quantitativo, sem deixar de buscar e manter a qualidade de nossa membresia. Desejamos, buscamos, sim, queremos crescer. No entanto, queremos um crescimento com responsabilidade. Um crescimento que nos mantenha fiéis à Palavra de Deus e às nossas doutrinas, sem perdermos a flexibilidade e o reconhecimento das mudanças e transformações de nossa sociedade, buscando sempre o equilíbrio entre quantidade e qualidade, tendo sempre em mente que somos a igreja do enviado de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo e, como tal, devemos exercer nossa responsabilidade profética e missionária.

Soli Deo Gloria!

***O Rev. Antônio Carlos Alves é pastor da IPI de Catanduva, SP,
e secretário de Evangelização da IPI do Brasil***

4

SECRETARIA DE DIACONIA

Rev. Marcos Nunes da Silva

Na história da IPI do Brasil destacam-se vários nomes que muito contribuíram para a formação e desenvolvimento do trabalho diaconal. Podemos começar com o nome do Rev. Othoniel Mota, que fundou o primeiro orfanato da IPI do Brasil, na cidade de Campinas, SP, em 1922, e que, depois, foi transferido para Sorocaba, SP, onde funcionou como Lar Bethel. Mais tarde, em 1930, ele fundou ainda a Associação Evangélica Brasileira (AEB). Seu nome ficou como uma importante referência no ministério diaconal da igreja.

Temos também os nomes dos Presbs. Lauro Monteiro da Cruz, Carlos René Egg, Carlos Fernandes Franco e do Rev. Adiel Tito de Figueiredo, que escreveu a obra “Diaconia ou Promoção Humana” e foi um dos responsáveis pela criação da primeira Comissão de Diaconia da IPI do Brasil, no Supremo Concílio de 1981, tendo sido nomeado o seu relator.

Lembramos também do Rev. Valdomiro Pires de Oliveira, que lançou o lema “Em cada igreja, um projeto social”. Ele foi pioneiro na tentativa de despertar a consciência da igreja para a consolação, solidariedade e prevenção ao HIV/Aids.

Nos últimos anos o Rev. Luiz Alberto Sabanay e o Rev. Nenrod Douglas de Oliveira Santos desenvolveram excelente trabalho à frente da Secretaria de Diaconia, dando visibilidade, em toda igreja, ao ministério diaconal. Foi nesta gestão que se criou a Associação Bethel, como um braço institucional da vocação diaconal da igreja.

Com a reforma administrativa da igreja, em 2005, a Secretaria de Diaconia deixou de ter uma diretoria, passando a funcionar somente com o secretário de

O objetivo da Secretaria de Diaconia é conscientizar as igrejas para que a fé que professamos seja coerente com a prática, manifestando-se através de ações concretas a favor da vida, que é o bem maior concedido por Deus.

Diaconia. Para cumprir com sua missão, Diaconia conta com um assessor (Rev. Ricardo José Bento) e duas assessoras (Diac. Dirce Batista de Moraes Ramos Quirino, da IPI de Vila Romana, em São Paulo, SP, e Diac. Joilda Menezes de Aquino Elói, de Aracaju, SE). Temos também, como colaboradora, a missionária Virgínia Clare

Gartrell, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA).

MISSÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

A Secretaria de Diaconia (SAD) tem como missão implementar e coordenar a política diaconal da IPI do Brasil. Para isso ela trabalha na sensibilização, treinamento e suporte à ordem diaconal nas igrejas e presbitérios. O lema para essa gestão da SAD, que termina no final de 2006, é “Fé a serviço da vida”. O objetivo é conscientizar as igrejas para que a fé que professamos seja coerente com a prática, manifestando-se através de ações concretas a favor da vida, que é o bem maior concedido por Deus.

Falamos em conscientização, primeiro porque a igreja sempre tem visto a diaconia como uma atividade desenvolvida somente por aqueles que são eleitos para esta função. Pensa-se que somente os diáconos e diaconisas devem fazer diaconia. No entanto, biblicamente todos os cristãos são chamados para servir, sendo todos, pois, diáconos e diaconisas.

Em segundo lugar, a diaconia tem sido tratada como uma atividade secundária na vida da igreja que, em sua maioria, tem entendido que a sua missão é a proclamação do evangelho, usando para isso apenas as palavras. A prática e a vivência do evangelho têm sido observadas, de modo geral, nas questões morais. A diaconia ficou reduzida à entrega de boletins na porta do templo, ao cuidado para evitar que pessoas perturbassem a boa ordem do culto e que as crianças atrapalhassem o andamento dos trabalhos da igreja. Todos os diáconos e diaconisas estão dispostos a servir, e não se importam em realizar essas tarefas, mas diaconia é um ministério da igreja muito mais abrangente, que precisa ser realizado como parte integrante da missão da igreja.

Em terceiro lugar, porque, quando a igreja faz diaconia, salvo exceções, é muito forte a marca de assistencialismo. É a prática da beneficência a-crítica, que



Encontro diaconal no Presbitério Sul Paraná

apenas atenua os conflitos sociais, mas mantém o *status quo*, criando uma dependência das pessoas que são ajudadas e, de forma inconsciente, mas muitas vezes consciente, colocando-se as pessoas assistidas como subordinadas. Isto gera sempre alienação e nunca libertação.

Quarto, porque a igreja existe para servir ou, então, ela está morta. A igreja que prega o evangelho, mas falha na sua prática diaconal, fica desacreditada. Gustavo Gutierrez, em seu livro “Teologia da Libertação”, escreveu: “O amor das pessoas para com Deus se torna visível e concreto no amor ao próximo. O próximo não é a pessoa que eu encontro em meu caminho, mas sim a pessoa em cujo caminho eu me coloco”.

Notamos, então, que as igrejas, salvo exceções, não têm desenvolvido a ação diaconal e não têm respirado diaconia. A igreja não ora, não canta e não prega diaconia. Quais são os cânticos que abordam a justiça e o amor ao próximo, condenando a exploração?

É assim porque a igreja não vê a diaconia como parte da sua espiritualidade. A igreja, na maioria das vezes, entende que ser espiritual é principalmente orar, ler a Bíblia, ir sempre ao templo, cantar alegremente ao Senhor e fazer jejum. Servir ao próximo seria ação social. A pergunta é: fazemos diaconia ou ação social?

A Igreja do Senhor Jesus faz diaconia porque é movida pelo agir de Deus em sua vida. A igreja faz diaconia como resposta ao chamado de Jesus para ser-

“O amor das pessoas para com Deus se torna visível e concreto no amor ao próximo. O próximo não é a pessoa que eu encontro em meu caminho, mas sim a pessoa em cujo caminho eu me coloco”.

mos seus discípulos. Portanto, ela faz diaconia movida pelo amor de Deus. “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo” – é isso que fundamenta a sua espiritualidade e, conseqüentemente, o seu ministério diaconal. É certo que essa obediência a Deus vai gerar uma ação social eficaz e libertadora.

O Rev. Carlos Queiroz, pastor da Igreja de Cristo na cidade de Fortaleza, CE, disse, no VIII Congresso de Diaconia, em Sumaré, SP: “A falta de pão na mesa do pobre pode ser uma denúncia da falta de espiritualidade no altar dos cristãos”. É dever da igreja fazer diaconia como expressão da sua fé, ou seja, da sua espiritualidade.

Para que isso aconteça, é necessário trabalhar, e muito, na formação dos agentes diaconais, que não são somente os diáconos e diaconisas, mas toda a igreja, incluindo os pastores e pastoras. A prática diaconal da igreja depende da atuação dos pastores e pastoras. Se os pastores e pastoras de nossas igrejas não tiverem um coração diaconal, dificilmente a igreja será diaconal.

ATIVIDADES E PROGRAMAÇÕES

A SAD, dentro de seu planejamento, tem desenvolvido atividades de formação e conscientização, através de encontros diaconais e textos publicados e encaminhados para as igrejas. Nesses quatro últimos anos, algumas programações foram realizadas:

- 1) Semanas diaconais que acontecem sempre no mês de julho com temas diferentes em cada ano. São textos que propiciam à igreja, através de seu ministério de diaconia, a oportunidade de se reunir para conversar sobre diaconia e sua ação na sociedade.
- 2) O I Seminário sobre Hiv/Aids, em Piracicaba, SP, realizado no mês de novembro de 2004. Esse seminário reuniu irmãos e irmãs das igrejas que estão preocupadas com esta doença para discutir o papel da igreja na prevenção às DSTs/Aids e também no consolo às vítimas do Hiv/Aids. A igreja não está imune a essas doenças, que precisam ser conhecidas para que seja vencida toda a ignorância, que tem gerado preconceito e morte. Deste encontro resultou um docu-



Cartazes da 1ª jornada e do 1º seminário sobre AIDS

mento que recebeu o nome de “Carta de Piracicaba” encaminhado à diretoria da IPI do Brasil e veiculada pelo jornal O Estandarte.

- 3) A SAD continua à disposição dos presbitérios e sínodos para encontros de diaconia. Nesses quatro anos, visitamos quase todos os presbitérios da IPI do Brasil. Esta tem sido uma prática intensa da SAD, pois entendemos que o nosso maior espaço de atuação deve ser sempre junto às igrejas. Nesse trabalho de capacitação e estímulo às igrejas, temos focado as seguintes temáticas: vocação diaconal; bases bíblicas e teológicas da diaconia no Antigo e no Novo Testamento; preconceito; consolação e solidariedade; construção coletiva de ações e projetos sociais através da mobilização popular. O objetivo é levar as igrejas a uma prática diaconal libertadora, de resgate da cidadania das pessoas, gerando vida em abundância. Neste processo, a igreja participa como parceira através da reflexão, conscientização e ações conjuntas que visem a independência e nunca a dependência daqueles que são assistidos. Conforme o educador Paulo Freire, a ação libertadora reconhece o estado de dependência, mas, através da reflexão e da ação conjunta, constrói a independência.
- 4) Desde o início, procuramos trabalhar em conjunto com as outras secretarias e departamentos da igreja. Com a reforma administrati-



Encontros diaconais em Cascavel, PR, e Aracaju, SE

va, isso ficou mais fácil. São quatro secretarias (Evangelificação, Diaconia, Família e Pastoral) dentro de um único Ministério de Missões. Atualmente, temos trabalhado com a Secretaria de Evangelificação, através da Associação Bethel, em dois projetos: Projeto Sertão e Projeto Amazonas. Chamamos essa parceria de missão integral, ou seja, é o evangelho de Jesus Cristo sendo levado ao ser humano como um todo. Discurso e prática se unem para resgatar o indivíduo.

- 5) O Projeto Sertão, com sede na cidade de Patos, PB, abriga hoje uma creche que atende 34 crianças e o Projeto “Mão na Massa”, que capacita jovens e adolescentes a trabalhar com cerâmica. Este projeto conta com a parceria do SEBRAE. Na cidade de São Mamede, PB, mais precisamente nas comunidades de Baraúnas e Arraial, já



Projeto Sertão: construção de cisterna em São Mamede, PB

foram construídas 50 cisternas para captação da água da chuva. Esse é um trabalho de mobilização popular em que a igreja é parceira, juntamente com a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA), ongs e as associações de moradores das comunidades.

- 6) Em Manaus, AM, uma parceria com a Visão Mundial permitirá o atendimento a 1.000 crianças carentes e suas famílias, com remédios, roupas, alimentos e ações que visam melhorar as condições de vida dos povos ribeirinhos.

Esta parceria com a Secretaria de Evangelização envolve suporte técnico nas ações diaconais, oferecendo capacitação como também no apoio institucional através da Associação Bethel. Também estamos trabalhando juntos na publicação de textos para as igrejas. O Projeto Natanael lançou mais um caderno da série “Oficiais da Igreja”, sobre diaconia, em parceria com a SAD, o Seminário Antonio de Godoy Sobrinho e a 7ª IPI de Londrina, PR.

Temos trabalhado também com a Secretaria de Educação Cristã e com a Secretaria da Família. É fundamental que as secretarias e departamentos realizem trabalhos conjuntos para o crescimento e fortalecimento da igreja.

- 7) O Curso de pós-graduação em diaconia, em parceria com o Seminário Teológico de São Paulo e a EST (Escola Superior de Teologia de



9º Congresso de Diaconia, em Caraguatuba, SP (2003)

São Leopoldo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) será uma especialização em diaconia, a nível de “latu sensu” reconhecida pelo Ministério de Educação e Cultura, que trará muitos benefícios para o ministério diaconal da igreja. Esse curso vai ser oferecido a partir de julho deste ano.

- 8) O X Congresso de Diaconia, realizado em abril de 2005, com o tema “Fé a serviço da vida – vivendo o que se fala e falando o que se vive”, foi o que alcançou a maior representação em nosso país, com a participação de mais de 400 pessoas.

SAD E ASSOCIAÇÃO BETHEL

Neste ano, estamos trabalhando em conjunto para a realização do I Congresso Nacional da IPI do Brasil, no Sesc Aracruz, ES, nos dias 2 a 5 de novembro. É uma experiência nova, que envolve todas as secretarias e departamentos da IPI do Brasil, e para o qual são esperadas mais de 2.000 pessoas.

Uma palavra deve ser dita sobre a Associação Bethel, que foi criada em 1999 para abrigar os projetos sociais das igrejas. Ela está ligada à SAD e o trabalho é feito em parceria. A SAD trabalha na formação diaconal e a Associação Bethel trabalha na execução das ações diaconais, formalizando os projetos soci-

Folders da 4ª
Semana Diaconal,
10º Congresso de
Diaconia e do Curso
de Pós-Graduação
em Diaconia



ais, criando Unidades Prestadoras de Serviços (UPSs).

Bethel abriga atualmente 16 projetos espalhados em nosso país. Em Palmas, estado de Tocantins, temos o Ambulatório Evangélico; em Piracicaba, SP, o Aconchego, casa de apoio a crianças com Hiv/Aids; em Tupã, SP, o projeto é com adolescentes infratores em liberdade assistida; em Presidente Prudente, SP, o Projeto Mão Amiga trabalha com crianças e adolescentes; Casas-lares, em Sorocaba e Franco da Rocha; além de outros. O objetivo é o de fazer com que, onde a igreja necessitar abrir um projeto social, SAD/Bethel atue fornecendo todo o apoio.

Se os pastores e pastoras de nossas igrejas não tiverem um coração diaconal, dificilmente a igreja será diaconal.

NOSSOS PARCEIROS

A realização destes projetos pela SAD conta com o apoio de parceiros externos, já que o orçamento da secretaria é muito pequeno.

São nossos parceiros: CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços), ONG ecumênica com sede em Salvador, BA; Diaconia, com sede em Recife, PE (destas duas entidades, a IPI do Brasil faz parte como igreja membro ou associada); Visão Mundial; CLAI (Conselho Latino Americano de Igrejas); PCUSA (Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos).

Estes parceiros têm sido de extrema importância para que a Secretaria de Diaconia da IPI do Brasil consiga realizar seus objetivos de formar e capacitar a ordem diaconal, para que sejamos verdadeiramente uma igreja diaconal, que expresse sua fé de maneira concreta, a favor da vida.

***O Rev. Marcos Nunes da Silva é pastor da IPI de Mogi Mirim, SP,
e secretário de Diaconia da IPI do Brasil***

5

A IPI DO BRASIL NO NORTE/NORDESTE – UMA BREVE HISTÓRIA (1903-1995)

Rev. Frank Arnold

INTRODUÇÃO

Desde sua organização, em 1º/8/ 1903, em São Paulo, SP, a IPI do Brasil se considera, com toda razão, uma igreja verdadeiramente nacional. A nova denominação, autenticamente brasileira e livre de influência estrangeira e da presença de membros de sociedades secretas em suas fileiras, era uma igreja que tencionava fixar seu estandarte em todo o Brasil, de leste a oeste, do sul ao norte.

O observador moderno só pode concluir que tal visão representava, naquele momento, um imenso exercício de fé, pois os 7 pastores e os 15 presbíteros, que participaram da formação do primeiro Presbitério Independente, exerciam, sem exceção, o seu ministério no Estado de São Paulo. Como consolidar e expandir a base da igreja no sul e alcançar também o norte do país, com 60% do território nacional, tão longe de São Paulo e com características e problemas tão diferente?¹ Eis o desafio perante os independentes.

No entanto, os pioneiros não recuaram diante da enormidade da tarefa e do desafio encontrado. Hoje, com mais de 9 décadas de existência, embora continue sendo uma igreja cuja força maior está no sul, com mais da metade das suas igrejas localizadas em São Paulo, ela é indiscutivelmente nacional. No decorrer dos anos, o norte foi, de alguma forma, alcançado. Até o final de 1993, existiam, nos 11 estados, incluídos nos 5 presbitérios do atual Sínodo Setentrional, um total

de 15 igrejas organizadas. O terceiro seminário da denominação foi estabelecido em Fortaleza, CE, em 1986, e prepara ministros do evangelho para toda a região.

O quadro 1 mostra o resultado da atividade de implantação de igrejas presbiterianas independentes nos estados do norte ao longo dos anos.² Fica evidente que o progresso na implantação de igrejas na região divide-se naturalmente em três períodos, com características mais ou menos distintas. O primeiro, de 1903 a 1912, foi o período no qual foram recebidas várias igrejas locais pelo processo de adesão. Depois deste crescimento relativamente fácil, seguiu-se um longo período, de 1913 até 1957, quando o progresso em termos de igrejas organizadas foi bastante lento e com muitas dificuldades. O período “moderno”, de 1958 até 1993, demonstra uma nítida tendência de aceleração na organização de novas igrejas.

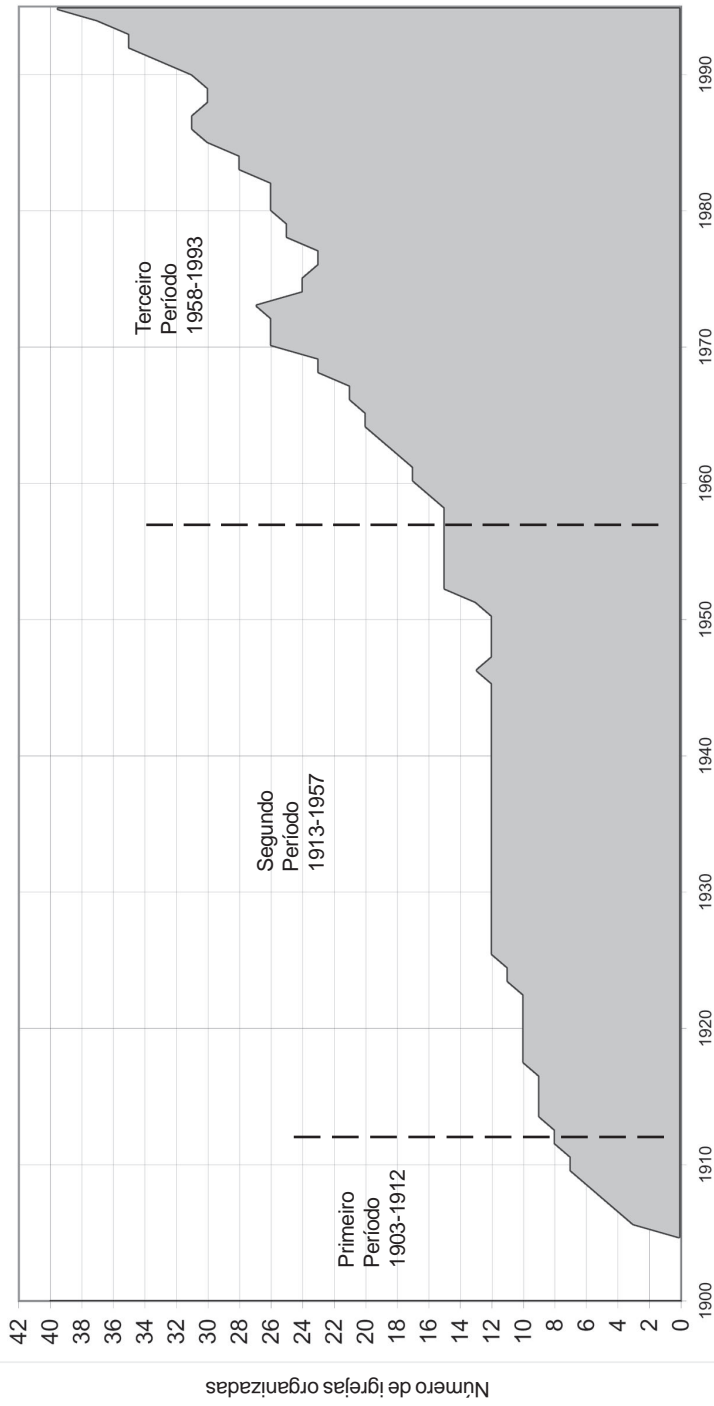
Usaremos estes três períodos como base para um relato da história dos esforços da IPI do Brasil para marcar sua presença no norte do país, de 1903 até 1993. É uma história complexa, cheia de planos feitos e desfeitos, de vitórias e derrotas, de oportunidades bem aproveitadas e outras tristemente desperdiçadas, de fé e de falta de fé, de apoio da Igreja Nacional e da falta do seu apoio. Acima de tudo, estes anais são uma história de inúmeros consagrados servos de Deus, homens e mulheres, que não mediram esforços para que as boas novas do reino de Deus fossem divulgadas e vividas da Bahia até o Amazonas, usando como base os modestos templos edificadas com o nome de IPI do Brasil.

Estes anais são uma história de inúmeros consagrados servos de Deus, homens e mulheres, que não mediram esforços para que as boas novas do reino de Deus fossem divulgadas e vividas da Bahia até o Amazonas

1. A IPI DO BRASIL NO NORTE NO PERÍODO DAS ADESÕES (1903-1912)

Os 7 pastores que participaram da organização do Presbitério Independente em agosto de 1903, eram todos do Estado de São Paulo. Nem todos, entretanto, eram paulistas e um, o Rev. Vicente Themudo Lessa, se orgulhava de ser nordestino, nascido no interior de Pernambuco. Ele nunca haveria de deixar que seus colegas esquecessem seu amado norte.

Crescimento da IPIB no Norte-Nordeste



Quadro 1



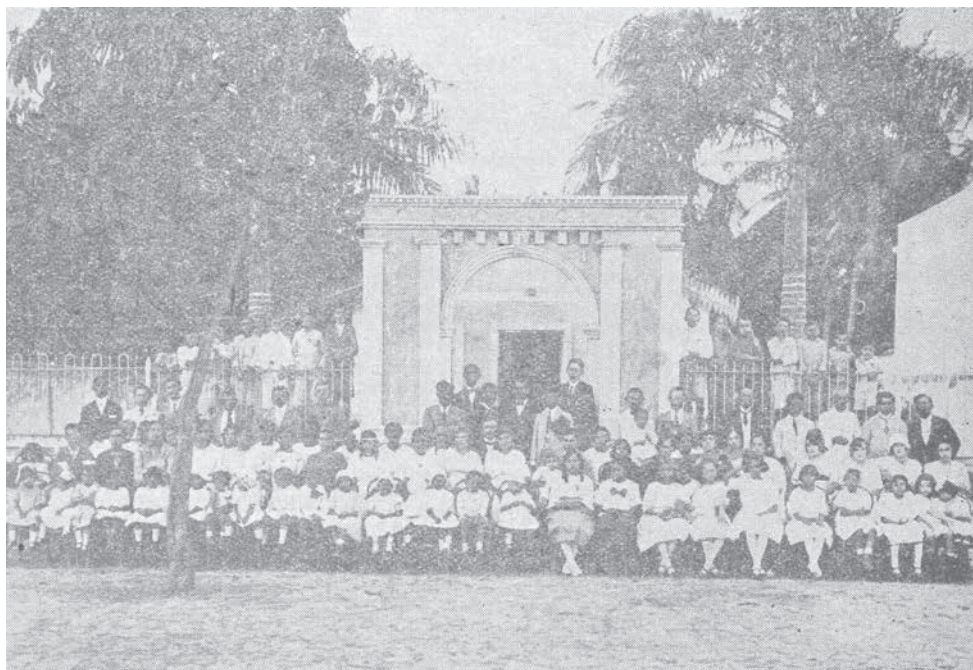
1ª IPI São Luiz, MA, foi a 1ª igreja a aderir ao movimento independente, setembro 1903.

Pernambuco faz parte da região norte/nordeste, que ocupa 60% da área do Brasil e contém, hoje, aproximadamente 35% de sua população. Para um visitante do sul do país, o norte parece outro Brasil. Após uma visita prolongada às igrejas da IPI do Brasil na região, em 1951, o Rev. João Euclides Pereira escreveu, em artigo publicado em *O Estandarte* naquele ano, que “o sulista que tem olhos para ver verá em tudo novidades e atrativos: o cantar das aves e o linguajar do povo, o perfume das flores e o agradável sabor das frutas regionais, a exuberância da Amazônia e o sol escaldante do nordeste; o espírito algo

desconfiado, mas muito decidido, do nortista, e sobretudo a sua grande hospitalidade, constituem alguns aspectos daquela região que nos agradam e mesmo nos empolgam”.³

Os missionários presbiterianos pioneiros, os primeiros dos quais trabalhavam entre o Rio de Janeiro e São Paulo, cedo levantaram seus olhos para o norte do país. Em 1871, 12 anos após a chegada de Ashbel Green Simonton ao Rio, o missionário Francis Schneider partiu de São Paulo, com licença do Presbitério, para estabelecer uma missão na Bahia. Mas foi reservado ao Dr. John Rockwell Smith, enviado pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, ficar na história como o grande pioneiro do presbiterianismo no norte. Ele desembarcou no Recife em janeiro de 1873 e desenvolveu, a partir da capital pernambucana, sua estratégia missionária. Seu trabalho tem sido comparado com o de Simonton no sul, tendo tido um importante papel na organização das primeiras igrejas no norte, do primeiro presbitério, da primeira junta de missões, do primeiro seminário e da primeira imprensa presbiteriana.

Em 1903, já havia trabalho presbiteriano organizado nas capitais dos esta-



IPI de Natal, RN

dos de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, como também no interior de alguns deles. As igrejas presbiterianas espalhadas pelo norte faziam parte do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil e integraram um só Presbitério. Embora bastante isolados dos seus irmãos no sul, muitos presbiterianos nortistas acompanhavam, com interesse e crescente preocupação, as grandes questões debatidas pelos seus irmãos distantes, especialmente a da maçonaria. Em 1901, O Estandarte publicou a carta de um grupo de mais de 30 membros da Igreja Presbiteriana de Fortaleza endereçada ao Rev. Eduardo Carlos Pereira, principal líder do grupo anti-maçônico, assegurando-lhe o apoio na luta contra a influência da maçonaria na igreja.

Seriam, no entanto, os presbiterianos de São Luiz os primeiros no norte a aderirem à IPI do Brasil, que deve seu início ao cisma no Sínodo do dia 31/7/1903. Os membros da igreja na capital maranhense acompanhavam as polêmicas amplamente divulgadas em O Estandarte e, provavelmente, também por correspondência com parentes e amigos do sul. Logo após a notícia da formação do Presbitério Independente, três presbíteros passaram a pressionar o pastor da igreja, Rev. Belmiro César, para que convocasse uma assembléia a fim de que a igreja

se definisse quanto à sua posição. Como não conseguiu o apoio de nenhum dos presbíteros ou diáconos para adiar a assembléia, convocou-a para o dia 24 de setembro. Naquela noite, com a presença de 43 membros da igreja, o debate entre o pastor e os presbíteros foi veemente.

A proposta para o rompimento com o Sínodo foi unânime, apenas abstenendo-se de votar os dissidentes, que assim atendiam à solicitação do pastor. Na mesma ocasião, o Rev. Belmiro foi afastado da igreja, embora, curiosamente, o púlpito continuasse à sua disposição. A maioria formou então, a partir daquele momento, a IPI de São Luiz, reivindicando para si a propriedade do templo. O missionário norte-americano George Butler, em cujo nome estava o templo, se decidiu a favor dos que haviam ficado na Igreja Presbiteriana e uma ação civil dos dissidentes, no tribunal de São Luiz, não foi vitoriosa.

Embora a Maçonaria tenha sido o principal motivo da adesão dos presbiterianos em São Luiz ao movimento independente, ele não foi o único. Na ata da reunião de rompimento com o Sínodo está explícito que o passo foi dado “... em nome da pureza, autonomia e independência da Igreja Presbiteriana no Brasil”⁴

Assim, pouco mais de dois meses após o início do Presbitério Independente em São Paulo, O Estandarte, jornal oficial da IPI do Brasil se referiu ao caso como “as primícias do norte”. O Maranhão tornou-se, então, o primeiro estado do norte a ter uma igreja aderindo aos princípios que resultaram na fundação da denominação independente. Nos três anos seguintes, mais 4 igrejas em 4 estados iriam seguir o exemplo dos maranhenses.

REV. VICENTE THEMUDO LESSA

Em 1904, e por mais 2 anos consecutivos, a Igreja Nacional enviou alguns dos seus mais destacados líderes ao norte, com o propósito de encorajar e consolidar os crentes simpatizantes do movimento. O primeiro destes embaixadores não podia deixar de ser o Rev. Vicente Themudo Lessa, filho da região. Em 1904, durante meses, ele percorreu várias capitais e cidades interioranas, interpretando o movimento e dando as boas vindas àqueles que compartilhavam das convicções da denominação, que crescia rapidamente no sul.

Lessa não voltou para São Paulo sem ver os resultados concretos do seu trabalho árduo. O primeiro foi na capital de Sergipe, onde, no dia 10 de abril, organizou a IPI de Aracaju, com 14 membros comungantes. Destes, 13 deixaram a Igreja Presbiteriana daquela cidade e mais uma pessoa foi recebida por profissão



Instalação do Presbitério do Norte, no Ceará, em janeiro de 1909: Presb. Candido Olegario, Rev. Vicente Themudo Lessa e Presb. José Maria de Lima (sentados) e os Revs. Manoel Machado e Alfredo Ferreira. No retoque, o Rev. Machado ficou com a fisionomia diferente (nota da época).

de fé e batismo. Visitou também o interior. No final de 1903, 6 crentes de um povoado chamado Mucambo haviam externado, em carta a *O Estandarte*, seus sentimentos anti-maçônicos e declarando que se consideravam "... membros da Igreja Presbiteriana Independente Brasileira (sic).⁵

No mês de maio, o Rev. Lessa se encontrava no estado de Alagoas onde, no dia 7, organizou a IPI de Pão de Açúcar. Não foi preciso usar seus consideráveis talentos de persuasão, pois toda a igreja presbiteriana daquela cidade, sem sequer uma voz discordante entre seus 26 membros, estava pronta, desde novembro de 1903, a declarar sua lealdade ao movimento, apenas esperando a chegada de um representante da Igreja Independente para recebê-los. Assim, esta pequena igreja do interior de Alagoas, que havia sido organizada pelo próprio Rev. J. Rockwell Smith, em 1887, tornou-se a terceira a se filiar, por adesão, ao movimento independente no nordeste em menos de 12 meses. Nos anos seguintes, suas contribuições financeiras iriam surpreender todos e demonstrar a seriedade com que os presbiterianos independentes de Pão de Açúcar assumiram sua nova filiação. Na relação de contribuição das igrejas em O Estandarte de 8/9/1904, esta igreja ficou em primeiro lugar, ultrapassando as do Rio e de São Paulo.

Em 1905, foi a vez do Rev. José Maurício Higgins ser enviado ao norte pela Igreja Nacional. Um crente de Belém, Gedão Pereira, enviara uma carta, que foi publicada em O Estandarte de abril de 1904, dizendo que se desligara do Sínodo e aderira “...de coração à Igreja Presbiteriana Independente”.⁶ Outros crentes fizeram o mesmo e o Rev. Higgins para lá se dirigiu. O resultado foi a organização da IPI do Pará, em 19 de junho. Outros estados também foram visitados. A Igreja de Belém, mesmo sem pastor residente, cresceu, chegando a ter 72 membros em 1908. Para o Rev. Lessa, em breve ela poderia se tornar a maior igreja do norte.

O Rev. Bento Ferraz foi o terceiro e último dos líderes sulistas a serem enviados oficialmente ao norte para pregar e receber os que aderiam ao movimento independente. Ele teve o privilégio de organizar a Igreja de Fortaleza, visitada pelo Rev. Lessa, em 1904, e pelo Rev. Higgins, em 1905. À frente da Igreja Sinodal na época estava o missioná-

O Rev. Machado nunca abandonou sua terra natal e bem mereceu o título popular de “Leão do Norte”, pelo qual ainda hoje ele é lembrado



Rev. Alfredo Ferreira

rio-médico Dr. Reynaldo P. Baird, que trabalhava no Ceará com o apoio de visitas ocasionais do pioneiro Rev. John Rockwell Smith.

A notícia da chegada em Fortaleza do Rev. Ferraz, em 20/3/1906, despertou grande interesse por parte dos crentes presbiterianos. Suas conferências atraíram também pessoas como o Rev. Alfredo Ferreira, ministro presbiteriano que cuidava da congregação de Baturité e fora convidado pelo Rev. Baird para rebater o crescente interesse pelo movimento independente. Ao término de suas palestras, o Rev. Bento Ferraz organizou a IPI do Ceará, com 26 membros comungantes. Na oportunidade, antes a celebração da Ceia, quando o Rev. Ferraz indagou se havia mais alguém simpático ao movimento, surpreendendo a todos, o Rev. Alfredo levantou o braço e declarou-se francamente ao lado da causa independente! Dispensado do cargo de auxiliar do Rev. Baird, o Rev. Alfredo foi convidado provisoriamente a pastorear a nova igreja independente. No final de 1906, eram 61 membros comungantes, sendo 16 recebidos por profissão de fé e batismo. O Rev. Alfredo foi substituído em 1907 pelo Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado, ex-pastor presbiteriano também recebido por adesão pelo Rev. Ferraz em sua passagem por Sergipe, durante a mesma viagem.

REV. MANOEL MACHADO



Rev. Manoel Machado

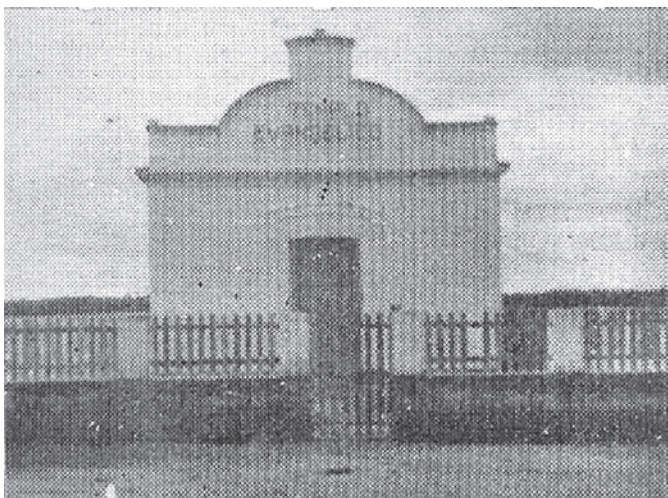
No final de 1907, o Presbitério Independente conseguiu sua primeira igreja no estado da Bahia, na pequena cidade de Canavieiras. Para sua organização, a Comissão de Evangelização enviou do sul o Rev. Francisco Lotufo e o fato ocorreu, pela primeira vez, com a participação de um pastor regional, o Rev. Manoel Machado. Diferentemente de seu colega Rev. Alfredo Ferreira, que servia no norte, mas que iria, mais tarde, aceitar um pastorado no sul, como outros também fizeram, o Rev. Machado nunca abandonou sua terra natal e bem mereceu o título popular de “Leão do Norte”, pelo qual ainda hoje ele é lembrado. Sua presença na Bahia, para participar com o Rev.

Lotufo, na organização da Igreja de Canavieiras, quando já morava e pastoreava a Igreja de Fortaleza, é uma mostra de sua agilidade típica. Parecia que ele estava em toda parte e, quando, a partir de 1919, dois colegas foram convidados para pastorados no sul, ele ficou como o único pastor independente no norte/nordeste, com responsabilidade desde a Bahia até o Amazonas. Ele o fez até onde um só ser humano, totalmente dedicado à obra de Deus, poderia cumprir tal mandato.

O ano de 1908 não registrou mais nenhuma adesão. As 7 igrejas existentes constituíram naquele ano o Presbitério do Norte. Este, juntamente com outros dois concílios irmãos do sul e do oeste, formaram o primeiro Sínodo da IPI do Brasil.

Um acontecimento que facilitou a organização do Presbitério na região norte foi a chegada, em abril de 1907, do Rev. Vicente Themudo Lessa a São Luiz para fixar residência e pastorear a igreja naquela cidade, fazendo com que ali houvesse 2 igrejas com pastores residentes. Sustentado financeiramente pela Igreja Nacional durante os 5 anos que permaneceu na capital maranhense, a liderança segura do Rev. Lessa foi sentida em toda a região norte/nordeste. Em 1909, ele organizou a pequena congregação de São Vicente Ferrer, na Baixada Maranhense, e ela se tornou a sétima igreja do novo Presbitério, criado pelo Sínodo de 1908, tendo a maioria de seus 39 membros sido recebidos por batismo e profissão de fé. Durante décadas, esta igreja iria crescer e ser as primícias de muitos frutos do trabalho de evangelização na Baixada.

As 2 últimas igrejas a serem recebidas no norte na primeira década de vida



Igreja Aliança - município de Pentecoste, CE, uma das primeiras igrejas fundadas no interior pelo Rev. Machado

Sem dúvida, as convicções anti-maçônicas tinham sido o carro chefe dos argumentos das pessoas que optaram por aderir à nova denominação independente

da IPI do Brasil, foram também as últimas a serem recebidas pelo processo de adesão. Trata-se das igrejas nas capitais do Rio Grande do Norte e Pernambuco. Em janeiro de 1911, foi publicada, em *O Estandarte*, uma longa e forte afirmação anti-maçônica por cerca de 70 presbiterianos da cidade de Natal. Eles constituíram, com a presença do Rev. Machado, em

abril daquele ano, a IPI de Natal. Nasceu numericamente forte e, em 1913, tornou-se a maior das igrejas das capitais do norte. O Rev. Machado foi designado pelo presbitério para ser o seu primeiro pastor residente.

Em Recife, os 34 membros comungantes que organizaram a IPI em 1912, saíram da Igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade, mas os motivos de adesão ao movimento eram diferentes. Aparentemente, os pernambucanos não adotaram uma posição anti-maçônica e nem ergueram a bandeira da independência eclesiástica. Em carta a *O Estandarte*, em 1922, o grupo manifestou seu descontentamento com o Conselho da igreja local e o desejo de sair. O Rev. Eduardo Carlos Pereira, principal líder da IPI do Brasil, respondeu pessoalmente à carta e fez tudo para persuadi-los a ficar na denominação em que estavam, já que não participavam, aparentemente, das fortes convicções históricas que justificavam a existência da IPI do Brasil. O grupo, no entanto, insistiu e, em junho, os Revs. Manoel Machado e Alfredo Ferreira organizaram a nona IPI do norte. Seria também, a última neste primeiro período de crescimento por adesões.

Sem dúvida, as convicções anti-maçônicas tinham sido o carro chefe dos argumentos das pessoas que optaram por aderir à nova denominação independente, exceto no caso de Recife. Durante o período de adesões, foram muitos as razões afirmativas dos que pretendiam se unir aos independentes. Uma típica, publicada por 5 presbiterianos de



IPI de Recife, PE

Belém, dizia: “Nós, abaixo-assinados, profundamente convencidos da incompatibilidade da Maçonaria com o Evangelho, aderimos de coração à Igreja Presbiteriana Independente e nos desligamos das igrejas presbiterianas em cujo seio temos estado até agora”.⁷

Com a passagem do tempo e especialmente após a declaração do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunido em Valença, RJ, em 1916, afirmando que “... jamais reconheceu e não reconhece compatibilidade da Maçonaria com a profissão do Evangelho”, a controvérsia anti-maçônica assumiu um papel menos importante e a polêmica mais estridente foi abandonada

Outros grupos no norte e no sul usavam linguagem bastante semelhante e até idêntica. Algumas vezes, eram usadas frases que mostram como eram fortes os sentimentos anti-maçônicos na época. Um grupo de Fortaleza, por exemplo, acrescentara às frases semelhantes dos irmãos de Belém o seguinte: “... o crente em Jesus Cristo não pode ter comunhão com aqueles que conscientemente permaneciam no seio da heresia maçônica”.⁸ Estes sentimentos foram partilhados também por líderes nortistas influentes como o Rev. Machado, expressando-se em 1908, através de O Estandarte: “A Maçonaria é uma coisa horrível! Ou ela é um ídolo muito querido ou é um fantasma hediondo diante do qual todos os irmãos sinodais curvam a cabeça espavoridos”.⁹

Com a passagem do tempo e especialmente após a declaração do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunido em Valença, RJ, em 1916, afirmando que “... jamais reconheceu e não reconhece compatibilidade da Maçonaria com a profissão do Evangelho”,¹⁰ a controvérsia anti-maçônica assumiu um papel menos importante e a polêmica mais estridente foi abandonada. A IPI do Brasil, tanto no norte como no sul, reconheceu que o caminho do crescimento era o da evangelização, da conversão e do discipulado de pessoas que ainda não criam em Jesus como Senhor.

Surgiram logo tendências sadias por parte das duas famílias presbiterianas visando à manutenção de alguma forma de comunhão entre elas. Isso foi bem evidenciado nas vésperas da volta do Rev. Themudo Lessa para São Paulo, em 1912, após 5 anos de pastorado em São Luiz. Sempre um embaixador de amor fraternal entre cristãos, ele foi convidado a pregar na Igreja Presbiteriana, na Praça da Alegria. Os independentes prontamente cancelaram o seu culto para participar em conjunto com a denominação irmã.

No domingo seguinte, aconteceu o recíproco e todos os presbiterianos se dirigiram ao templo da Igreja Presbiteriana Independente, onde o pregador espe-

Para os líderes, estava claro que o tempo das adesões em grupos grandes ou pequenos, que fora a principal força de crescimento no início do trabalho no norte, havia terminado. A partir de então, o crescimento teria de ser por meio de evangelização.

cialmente convidado foi o seu pastor!

Também o Rev. Machado reconheceu em carta a *O Estandarte*, em 1913, que os dois grupos presbiterianos “se amam”.¹¹ Embora este redescobrimto do amor fraternal em comum não tenha resultado em reunião orgânica das duas denominações, ele serviu para reduzir as fortes tensões que

inicialmente existiam entre os dois grupos de brasileiros reformados, que compartilhavam das mesmas raízes.

Pode-se dizer que o saldo dos primeiros 10 anos de presbiterianismo independente no norte do Brasil foi encorajador para a jovem denominação. No final de 1912, ela contava com 9 igrejas implantadas em 8 estados. Para os líderes, estava claro que o tempo das adesões em grupos grandes ou pequenos, que fora a principal força de crescimento no início do trabalho no norte, havia terminado. A partir de então, o crescimento teria de ser por meio de evangelização. Isso não intimidou, mas estimulou os independentes que, desde o início, se empenhavam em ganhar para Cristo seus conterrâneos não convertidos.

A FALTA DE RECURSOS E A COMISSÃO DE MISSÕES

Os problemas que a IPI do Brasil iria enfrentar para se estabelecer e crescer no norte já se tornavam mais e mais evidentes. Uma igreja sólida e também evangelística teria de ter uma liderança pastoral adequada para isto. Mas, em 1913, o Presbitério do Norte, que havia sido organizado pelo Sínodo em 1908, contava com apenas 3 ministros, que foram obrigados a dividir entre si as responsabilidades pastorais de todas as igrejas e congregações da região. Mesmo com o empenho heróico destes 3 homens, a tarefa estava além de sua capacidade. Pouco paravam em casa. Para se ter uma idéia da enorme empreitada que assumiram, é só lembrar que, no ano de 1909, o Rev. Vicente Themudo ministrou nas igrejas, congregações e pontos de pregação dos estados do Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas. Em suas viagens, utilizando os precários meios de comunicação existentes, ele consumiu 6 meses. Em seu relatório, ele mencionou as 38 horas que gastou em uma viagem de 24 léguas, feita de canoa entre as cidades interioranas de Pão de Açúcar e Penedo. O Rev. Machado, por sua vez, relatou uma viagem de 3 meses ao campo que lhe foi confiado pelo Presbitério: “...depois de caminharmos 9 enfa-

donhas léguas, chegamos a Prazeres (Sergipe), onde abracei os irmãos.”¹¹²

As enormes distâncias entre as igrejas representavam não só problemas para os obreiros, mas também para a coordenação do trabalho no sistema represen-

tativo presbiteriano. Na reunião do Presbitério do Norte em São Luiz, Maranhão, em 1911, por exemplo, só compareceu o presbítero da igreja hospedeira. Os demais simplesmente não tinham condições de se ausentarem das suas atividades durante os longos períodos necessários para as viagens nessa época.

Além do problema da falta de recursos humanos, havia o da falta de recursos financeiros para a manutenção e expansão da obra iniciada. Os recursos financeiros no norte eram bem mais modestos que os de São Paulo. No final de 1912, nenhuma das 9 igrejas independentes na região possuía condições de sustentar um pastor residente. Era necessária a compreensão e ajuda financeira do sul.

Uma das maneiras mais óbvias de encaminhar ajuda do sul era através da agência de missões da Igreja Nacional. Logo no início, a IPI do Brasil criou a Comissão de Missões Presbiteriais, entidade que cuidava não somente do trabalho missionário, mas também da administração da denominação e especialmente das finanças. Esta comissão passou a financiar as viagens ao norte dos Revs. Lessa, Higgins, Ferraz e outros, fornecendo em grande parte, os salários dos primeiros pastores residentes na região. Foi ela que chamou de volta para São Paulo, após 5 anos em São Luiz, o Rev. Vicente Themudo Lessa. Foi ela também que atendeu o pedido do Presbitério do Norte, enviando o Rev. Alfredo Ferreira do Pará para Pernambuco em 1913.

Os crentes do norte sabiam muito bem que não poderiam ficar para sempre dependentes da subvenção do sul. Ninguém no norte se preocupou mais com a questão do auto-sustento e com a falta de pastores do que o Rev. Manoel Machado. Numa série de artigos em *O Estandarte* de 1913, intitulada “A Independência do Norte”, ele procurou esclarecer quais deveriam ser as responsabilidades das igrejas do sul e do norte. Lembrou que elas tinham a responsabilidade de ajudar a sustentar o Seminário da Igreja, em São Paulo, pois era a fonte de futuros pastores para a região. Exortou-as a um “triplo esforço” em favor das Missões Nacionais.¹³ Mostrou como as condições financeiras dos crentes nortistas não se comparavam

No ano de 1909, o Rev. Vicente Themudo ministrou nas igrejas, congregações e pontos de pregação dos estados do Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas. Em suas viagens, utilizando os precários meios de comunicação existentes, ele consumiu 6 meses. Em seu relatório, ele mencionou as 38 horas que gastou em uma viagem de 24 léguas, feita de canoa entre as cidades interioranas de Pão de Açúcar e Penedo.

Quando, no final de 1918, os Revs. Alfredo Ferreira e Alfredo do Vale aceitaram pastorados no sul, ficou apenas o Rev. Machado para pastorear toda a região norte.

com as dos irmãos do sul e pediu destes uma ação definitiva e urgente em favor do norte. Também diante da situação crítica do norte, solicitava o envio de 2 irmãos sulistas “...que não tenham medo do norte”, chegando a admitir a possibilidade de uma separação na igreja entre norte e sul, o que “seria um desastre”¹⁴ para todo o trabalho.

A advertência do respeitado “Leão” foi levada em conta muitas vezes pela liderança na sua busca de caminhos para o desenvolvimento sadio da igreja na região setentrional.

2. PERÍODO DE ESTACIONAMENTO (1913-1957)

Ao classificarmos este segundo como “estacionamento” não queremos insinuar que estes 45 anos foram improdutos. Na realidade, ele foi de intensa atividade por parte dos poucos pastores que havia, juntamente com alguns notáveis líderes leigos. Através deles, muitas pessoas chegaram a conhecer Jesus Cristo como salvador e senhor, e muitos fiéis foram alentados na fé cristã.

Entretanto, em termos de crescimento numérico, realmente se trata de um período de estacionamento. Se o crescimento tivesse continuado no ritmo registrado nos primeiros 10 anos, (veja quadro 1) teria havido, em 1957, um total de 40 igrejas. Infelizmente, o ritmo inicial de crescimento não foi sustentado e, ao longo dos 45 anos, apenas 6 igrejas novas foram acrescentadas às 9 que já existiam. O Estandarte iria publicar, no meio do período (1941), outra série de artigos da lavra do então jubilado Rev. Manoel Machado, intitulada “O Norte estaciona e retrograda”.¹⁵ Procuraremos mostrar não só o impressionante trabalho realizado pelo resumido grupo de líderes como entender as razões da longa “seca” da igreja do norte, entre 1913-57.

Sem dúvida, os dois principais obstáculos ao progresso da região norte foram a falta de obreiros e de recursos financeiros. É difícil dizer qual era o mais crítico, uma vez que os dois estão muito inter-relacionados.

Quando o Rev. Vicente Themudo Lessa voltou para o sul, em 1912, por razões familiares, todo o crescente trabalho do norte foi dividido entre os Revs. Manoel Machado, Alfredo Ferreira e Alfredo do Vale. Quando, no final de 1918, os 2 últimos também aceitaram pastorados no sul, ficou apenas o Rev. Machado

para pastorear toda a região. A Comissão de Missões Nacionais (sucessora, em 1908, da Comissão de Missões Presbiteriais), bastante preocupada com a quase total falta de liderança pastoral no norte, chegou a ponto de pensar na entrega de todo o trabalho independente na região às missões estrangeiras. Mas, nessa solução, o “Leão” não queria nem pensar! A idéia nunca chegou a ser levada a sério, em parte porque o próprio Rev. Machado foi enérgico e criativo para sugerir outras soluções.

Além de ser um incansável pastor de campo (e, em 1919, em todos os campos), o Rev. Machado sempre foi um estrategista, propondo planos para a sobrevivência e o progresso

do presbiterianismo independente na região. Em 1919, ele apresentou uma proposta para o o sustento dos pastores, que dependeria de todos os membros das igrejas serem dizimistas fiéis, mas o plano não teve êxito. A situação econômica da região, na época, era péssima. “Em 1915, uma grande e impiedosa seca começou a castigar o nordeste.”¹⁶ Conforme os mais idosos, ela foi pior que a infame seca de 1877.

A FALTA DE PASTORES

O problema da falta de pastores no norte era muito sério. Se a igreja apresentasse candidatos ao ministério (que não havia naquele momento), onde iriam se preparar? O único seminário da igreja estava localizado em São Paulo, longe do norte, não só geográfica mas também culturalmente. Quando, mais tarde, começaram a surgir candidatos no norte, eles foram encaminhados para São Paulo, mas muitos permaneceram no sul, após o término do curso. Algumas vezes isto ocorreu por preferência pessoal, mas também porque não havia sustento adequado para eles na região. O Rev. Machado, que costumava falar sem rodeios, chamou cinicamente a igreja do sul de “o paraíso do nortista que não ama o seu norte”.¹⁷ Passar-se-iam décadas antes que os primeiros tímidos passos fossem dados na direção de um preparo teológico para candidatos na própria região.

Se não havia ministros ordenados para liderar, por que não confiar o trabalho a obreiros leigos? Uma nova proposta foi feita pelo Rev. Machado e, com a aprovação do Presbitério do Norte, um pequeno grupo de leigos foi selecionado em vários campos como evangelistas sob a supervisão do autor da proposta. A experiência, bastante positiva do ponto de vista do Rev. Machado, não perdurou por muito tempo, sendo encerrada oficialmente pelo Presbitério em 1934. Neste

Em 1919, 11 anos após sua organização, o Presbitério do Norte foi dissolvido, sendo suas 10 igrejas e o único pastor residente incluídos no Presbitério de Leste.

momento, já havia 4 ministros ordenados no campo do norte e o Concílio entendeu que era impossível sustentar os cinco obreiros leigos mais os pastores.

Entre 1913 e 1957, não era apenas a região norte que buscava soluções para garantir a sobrevivência e o crescimento. A própria Igreja Nacional estava empenhada nisso. A IPI do Bra-

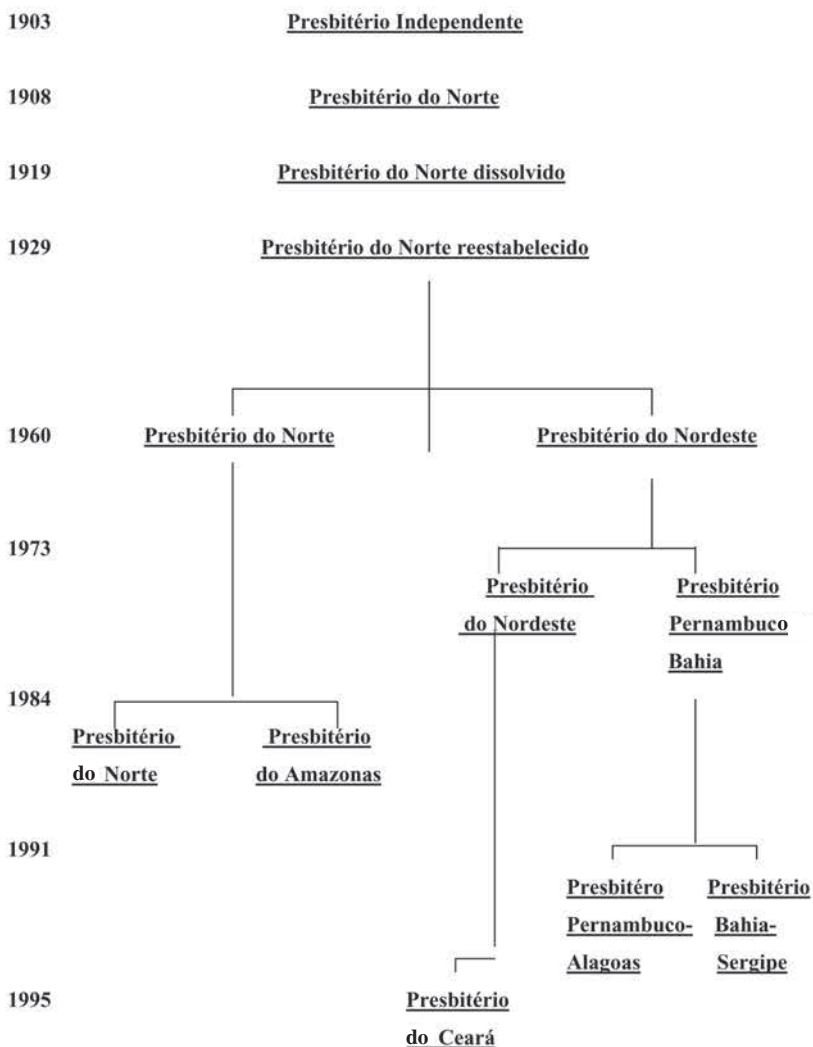
sil achava-se em fase de transição ideológica e administrativa, e a própria organização conciliar sofrera alterações (veja o quadro 2). Em 1919, 11 anos após sua organização, o Presbitério do Norte foi dissolvido, sendo suas 10 igrejas e o único pastor residente incluídos no Presbitério de Leste. Em 1929, o Sínodo determinou reorganização do Presbitério o Norte, o que ocorreu na cidade de Natal, em 25 de março daquele ano. Foi eleito moderador o veterano Rev. Vicente Themudo Lessa que, embora residindo em São Paulo, jamais deixou de insistir em ser membro do concílio que arrolava os pastores de sua amada terra natal. Na nova divisão dos presbitérios, em 1954, o do Norte permaneceu intacto e, só em 1960, com 17 igrejas arroladas, foi subdividido em Presbitério do Norte e Presbitério do Nordeste.

Para a estrutura administrativa missionária da Igreja Nacional, o período que enfocamos também foi de muita mudança. A Comissão de Missões Nacionais, criada em 1908 e que era mantenedora dos pastores do norte, já contava, em 1920, com uma subcomissão com responsabilidade exclusiva pelo norte. Em 1922, um passo foi dado no sentido de descentralizar o trabalho da Comissão de Missões nacionais que, do ponto de vista de alguns, feria os princípios presbiterianos de governo. Foram criadas em seu lugar, 6 comissões permanentes, entre elas uma Comissão de Missões Nacionais, cujas atribuições e esfera de ação ficaram reduzidas em comparação com a entidade original do mesmo nome. Este novo plano, no entanto, foi substituído, em 1927, pelo regime de missões presbiteriais que, por sua vez, foi abandonado em 1932, quando o Sínodo voltou ao antigo sistema centralizado de Missões Nacionais.

Todas estas mudanças administrativas geravam grandes debates na igreja e refletiam a crise interna pela qual a Igreja Nacional estava passando. Elas também não deixavam de distrair a atenção da igreja dos problemas de manutenção do trabalho no norte, dificultando o compromisso missionário da denominação na região.

Tais dificuldades, contudo, não impediram muito o trabalho. O Rev. Machado ficou sozinho até 1922, quando o Rev. Elias Tavares atendeu o apelo urgente do “Leão do Norte” e, deixando seu pastorado no sul, deu valiosa ajuda ao norte

A jurisdição presbiterial das igrejas da IPI do Brasil no Norte/Nordeste



Quadro 2

durante 4 anos. Vieram também outros que aliviaram bastante a pressão de trabalho sobre os ombros do veterano. Entre os novos pastores estavam o Rev. José Joaquim da Cruz, que deu 11 anos ao norte, a partir de 1923, antes de aceitar o convite de uma igreja de São Paulo. Outro foi o Rev. Severino Alves de Lima, que se juntou à pequena força ministerial do norte em 1925, prestando serviços às igrejas até 1958, quando pediu sua transferência para o sul. O Rev. Sebastião Gomes Moreira também aceitou o desafio e começou, em 1929, um extraordinário ministério, permanecendo no norte durante 26 anos, em um período crítico.



Rev. Sebastião Gomes Moreira

Grandes vultos foram estes ministros, mas não menos importantes eram os muitos homens e mulheres leigos nas igrejas das capitais, nas congregações e pontos de pregação nos sertões, serras e florestas do norte. Eles também não mediram esforços para manter aceso o trabalho iniciado. Todavia, nem sempre conseguiram. Na ausência, às vezes durante anos, de um ministro para a celebração dos atos pastorais, alguns membros não deixaram de ser atraídos por outras denominações, que acabaram colhendo o fruto do trabalho de evangelização feito pelos pioneiros do presbiterianismo independente no norte.

Os nortistas sabiam muito bem que a solução permanente dos seus problemas dependia, em grande parte, do auto-sustento financeiro da região. As campanhas feitas pelos Revs. Lessa, Machado e outros, a fim de que os membros se tornassem dizimistas começaram, pouco a pouco, a surtir efeito e dar condições às igrejas de pagar os seus pastores. Importante também para a independência financeira era a tradicional coleta do 31 de julho, aniversário da igreja. Esta coleta tornou-se parte substancial do orçamento presbiterial. Mas, só na década de 1940, teriam as igrejas sua economia interna mais ou menos estabelecida e só então muitas conseguiram autonomia financeira. Antes disso, a dependência do norte de sustento financeiro do sul era acentuada. Em 1929, o Presbitério do Norte registrou um orçamento anual que, para ser cumprido, dependia de receber do sul, através da Comissão de Missões e outras fontes, mais da metade (30, em um total de 52).

Havia um “Fundo de Missões do Norte”, que recebia contribuições de igrejas e pessoas, mas, com o passar do tempo, ele foi desativado. Quanto o Presbitério do Norte recebeu, em 1942, uma oferta substancial do Presb. Nicolau de Couto

Esher, amigo fiel do norte, o fundo foi reativado com o nome de “Fundo Couto Esher”. A 1ª IPI de São Paulo mostrou-se fiel parceira do trabalho do norte ao longo dos anos, contribuindo generosamente.

Apelos foram feitos às igrejas do sul por meio das visitas dos pastores do norte e de cartas publicadas em *O Estandarte*, como as do Rev. João de Godoy, presidente do Presbitério do Norte, fazendo com que ofertas fossem levantadas e aplicadas no orçamento. Os apelos do norte, embora produzissem certos resultados em termos de ofertas, não deixaram de criar a impressão, por parte de alguns sulistas, de um norte sempre “pedinte”, em vez de estar buscando soluções regionais para seus problemas financeiros. Para entender esta atitude, no entanto, é preciso levar em conta que o trabalho independente estava em perigo e quem estava lá sentia “na carne” tanto os problemas como as tremendas oportunidades. Por isso, o pastor acima citado, podia escrever: “nossa alma geme e chora quando, de toda parte, um clamor doloroso, uma voz quase enrouquecida, grita aos quatro ventos, ‘passa à Macedônia e ajuda-nos’... os irmãos do sul talvez não me compreendam bem e por isso, dirão que estou exagerando, mas é isto mesmo. E, quando despertarmos, será tarde, muito tarde”.¹⁸

Para melhor compreender a situação da IPI do Brasil no norte e nordeste neste período que chamamos de “estacionamento” é necessário que vejamos, embora de maneira muito reduzida, o que estava acontecendo estado por estado.

AMAZONAS

Manaus foi uma das cidades visitadas pelo Fev. Themudo Lessa em sua viagem pioneira de 1904. Dois anos mais tarde, 25 pessoas declararam a intenção de aderir à igreja e, em 1908, Lessa, agora pastor residente em São Luiz, voltou para organizar o grupo em congregação. O trabalho, no entanto, não criou raízes e, embora possuindo templo próprio, logo deixou de existir. A segunda chance só veio décadas depois, quando um grupo de crentes presbiterianos procurou o Presbitério do Norte para ali formar uma igreja presbiteriana independente. Após várias visitas do representante do Presbitério, Rev. Adiel Tito de Figueiredo, a Manaus, o grupo foi organizado em igreja, com cerca de 40 membros, em 1952.

Os nortistas sabiam muito bem que a solução permanente dos seus problemas dependia, em grande parte, do auto-sustento financeiro da região.

Face à impossibilidade do Presbitério fornecer um ministro para o novo campo, o concílio entregou-o à Junta de Missões, criada pelo Sínodo em 1951. Foi enviado o Rev. João de Godoi, que ficou pouco tempo e, logo depois, o Rev. Mário de Abreu Alvarenga, que chegou a Manaus em 1955, para começar um longo ministério na região amazônica. Foi durante o seu pastorado que a igreja na capital se consolidou. Seu campo, no entanto, incluiu não apenas a capital, mas também uma grande área alcançável só pelo sistema fluvial.

PARÁ

A Igreja de Belém tinha sido a quarta a ser estabelecida no norte, sendo organizada pelo Rev. José Higgins, em 1905, menos de dois anos após a formação do Presbitério Independente em São Paulo. Após vários anos de crescimento razoável, ela começou a enfrentar dificuldades, influenciada pelo pentecostalismo que teve seu início no Brasil justamente na cidade de Belém. As poucas visitas pastorais complicaram a situação. Em 1940, aproximadamente 40 membros permaneciam fiéis, apesar de terem recebido apenas uma ou duas visitas pastorais em 10 anos. Havia congregações florescentes nas cidades interioranas de Igarapé Assu e Pedreira, com templos próprios. Mesmo com condições financeiras, não encontrou um pastor. O Rev. Sebastião Moreira iria comentar, em 1955, que o trabalho em Belém “... é realmente pequeno”. Houve porém, uma renovação, pois, em 1966, a igreja contava com 78 membros na sede e havia duas congregações. Mesmo assim, nenhuma igreja independente nova foi organizada entre 1905 e 1982.

MARANHÃO

No período enfocado, o Maranhão teve o modesto saldo positivo de duas igrejas, ambas na Baixada Maranhense, a 190 quilômetros da capital, ao longo do rio Pindaré. Esta área havia sido alvo de intensa evangelização desde o início do trabalho independente no estado, tendo como resultado a organização, em 1909, da Igreja de São Vicente Ferrer, com algumas adesões, mas também com um bom número de pessoas convertidas. Em 1917, foi organizada a IPI de Viana, a primeira no norte a resultar só de trabalho de evangelização. A terceira igreja na área da

Baixada, uma área muito produtiva para os independentes, foi a de Matinha, organizada em 1952.

O trabalho no Maranhão foi o que, provavelmente, apresentou mais crescimento numérico neste segundo período. Havia intensa atividade evangelística no interior, enquanto a igreja da capital, com independência financeira em 1933, permanecia forte e contribuía generosamente para as missões.

A partir do seu primeiro pastor, o Rev. Vicente Themudo Lessa, a igreja foi abençoada através de boa liderança. Em 1927, o Rev. Severino Lima começou um pastorado que iria durar duas décadas, sendo seguido pelo Rev. Adiel Tito de Figueiredo, cuja liderança foi sentida em toda a região norte durante seus 44 anos de ministério ativo, com base em São Luiz. A Igreja de São Luiz tornou-se a primeira do norte a estabelecer um projeto social de importância significativa. O Serviço Evangélico de Assistência Social, estabelecido em 1954, prestou assistência médico-dentária, auxílio funeral, maternal e outros, durante 20 anos ininterruptos.

PIAÚÍ

O Estandarte noticiou em 1904 adesões ao movimento independente na cidade de Floriano, PI, mas somente em 1909 foi possível uma visita pastoral àquele estado. Foi o Rev. Lessa, na época pastor residente em São Luiz, que, nesse ano, visitou Teresina e Caxias. Houve frutos, pois, em 1910, O Estandarte dava notícia de uma congregação em Teresina. Lessa, no entanto, não conseguiu voltar ao estado vizinho devido à enorme área sob sua responsabilidade. Por ocasião da seguinte visita pastoral, em 1920, a congregação da capital piauiense aparentemente não existia mais. O trabalho só seria reaberto em 1969.

CEARÁ

Com uma liderança pastoral relativamente constante e também com forte liderança leiga, os independentes de Fortaleza cedo desenvolveram um largo e ativo ministério no interior do estado. Cândido Olegário Moreira, consagrado presbítero e muito dado ao evangelismo, braço direito do Rev. Manoel Machado, ficou à frente das congregações no interior, enquanto o Presb. Rodolfo Magno se

responsabilizou pela igreja na capital, quando não havia pastor residente. Uma carta enviada a O Estandarte em 1913 menciona que a Igreja de Fortaleza, “embora estacionária”, mantinha dez congregações no interior, sete delas com cultos semanais e duas com frequência média acima de 80.

No epicentro da região seca do nordeste, o estado foi duramente castigado pela grande seca que começou em 1915. O êxodo rural provocado eliminou congregações inteiras. Nesta época, a igreja recebia muitas generosas ofertas vindas do sul, administradas pelo Presb. Olegário, para ajudar a aliviar a miséria de alguns que permaneceram no interior.

Em 1919, foi lançada a pedra fundamental do templo na capital, sendo convidado para pregar na ocasião o Rev. Natanael Cortez, o então pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, destinado a se tornar líder de sua denominação e, posteriormente, presidente do Supremo Concílio. O convite era indicativo do bom relacionamento que existia no Ceará entre as duas famílias reformadas. A construção do templo no entanto, tornou-se muito problemática, devido às dificuldades ocasionadas pela seca. Uma irmã da igreja, Ludovina Magno de Farias, salvou a situação, chegando a hipotecar uma casa para poder emprestar dinheiro à obra. Este ato de abnegação tirou a igreja do desânimo e o templo foi terminado.

O trabalho de evangelização teve continuidade e, em 1923, foi organizada a segunda igreja no Estado, na fazenda Aliança, perto de Pentecoste, a cem quilômetros da capital. Em 1945 o obreiro João de Godoy, chegou a Fortaleza com o propósito de servir ao Senhor durante alguns anos no nordeste. Ordenado ao ministério pastoral em Fortaleza, o Rev. Godoy impressionado com o número de congregações da igreja, comentou que Fortaleza poderia se tornar a “Antioquia do Norte” e deu passos para concretizar este sonho, fundando em 1947 a Escola de Treinamento Missionário na capital cearense. Alojada nos fundos da igreja, a escola funcionou com quatro professores durante dois ou três anos antes de ser forçada a fechar devido à falta de infra-estrutura e de ajuda de fora. Valeu no entanto, a idéia. Fortaleza seria a sede de tentativas futuras, que seriam mais bem sucedidas.

RIO GRANDE DO NORTE

A cidade de Natal teve a felicidade de ser o quartel general do Rev. Manoel Machado a partir de 1912, um ano após a organização da Igreja Independente na capital do Rio Grande do Norte. No entanto, devido às longas e freqüentes viagens

que constantemente fazia este pastor, a igreja teve que caminhar sem sua presença durante prolongados períodos. Em 1913, a Igreja de Natal era a maior de todas as igrejas independentes das capitais no norte, mas, em 1920, muitos dos seus membros foram dispersos devido, em parte, a uma crise na igreja local que surgiu durante as viagens do Rev. Machado e também à migração, causada pela longa seca na região.

O Rev. Machado e outros pastores que o seguiram conseguiram abrir muitos pontos de pregação e congregações no interior do Rio Grande do Norte, porém apenas o trabalho organizado em 1941, na fazenda de Curralinhos, continua até hoje. Por volta de 1924, ele abriu uma congregação em Mossoró, segunda cidade do Estado, importante estrategicamente por ser a porta para a evangelização do sertão. Esta, contudo, não perdurou.

A região teve, também, boa liderança na pessoa do Rev. Sebastião Gomes Moreira, que dividiu os seus 26 anos de ministério no Nordeste entre o Rio Grande do Norte e Sergipe. No seu tempo, a Igreja de Natal viveu uma boa fase, chegando a ser em 1951, a maior do Norte, com 400 membros comungantes e 150 menores.

PARAÍBA

João Pessoa hoje permanece como a única capital no Norte onde não existe igreja e nem congregação da IPI do Brasil. Não foi por falta de tentativas. Desde 1908 o Rev. Machado tinha feito visitas aos crentes independentes que moravam na capital paraibana e, em 1923, ele observou que o trabalho lá havia se desenvolvido “animadoramente”. Em 1927, após 17 anos em Natal, o Rev. Machado mudou-se para a capital do estado da qual ele era filho. Em 1931, porém, ele escreveu que o trabalho iniciado enfrentava dificuldades e não ia bem. O fato é que o grupo não conseguiu se manter e durante muito tempo não houve outras tentativas sérias de reestabelecê-lo.

Ficou para a cidade interiorana de Cabedelo, importante porto a 25 quilômetros da capital, hastear o estandarte da IPI do Brasil na Paraíba, como a primeira igreja da denominação organizada no estado. Já em 1913, funcionava na cidade uma congregação, sob a direção do Rev. Machado. Seu núcleo foi composto de adesões que tinham surgido em 1908. O grupo foi organizado em 1922, contando com um templo novo e bem localizado numa praça. Não havendo possibilidade de



A Igreja de Cabedelo, PB, em 1922

conseguir um pastor residente, os membros tiveram que se satisfazer com atendimento pastoral esporádico.

Um pastor presbiteriano, que morava em João Pessoa e visitava regularmente um grupo de sua igreja, ministrava nestas ocasiões também aos independentes mas, em 1935, um bom número destes resolveu passar para a Igreja Presbiteriana do Brasil. Permaneceu uma minoria na Igreja Independente e todo o patrimônio desta ficou com os que saíram. A recuperação do grupo independente foi lento e só quinze anos depois foi possível construir um novo templo para substituir o que haviam perdido.

PERNAMBUCO

Os presbiterianos independentes pernambucanos conseguiram organizar uma segunda igreja na sua capital, em 1932. Esta, juntamente com as de Manaus e Salvador, constituíram-se nas únicas igrejas organizadas nas capitais do norte

pela denominação, no período entre 1913 e 1957. Entretanto, com o enfraquecimento da 1ª IPI de Recife, no bairro de Arruda, os que permaneciam se uniram, em 1944, aos membros da igreja mais nova, restando uma só igreja organizada, agora no bairro de Casa Amarela. Como nos outros estados nordestinos, houve atividades evangelísticas também na capital e no interior de Pernambuco. Algumas congregações foram formadas e depois deste período se tornariam igrejas.

No entanto, com a falta de pastores, o trabalho independente sofreu as mesmas decepções sentidas em outros estados na região norte. Em 1939, o Presbitério do Norte teve que excluir do rol da suas igrejas a de Caruaru, que há apenas seis anos havia sido arrolada. A sucinta razão oferecida nas atas do concílio: “...por haver voltado para a denominação presbiteriana”.⁽¹⁹⁾

Apesar da organização de duas igrejas no período enfocado, a perda delas não mostrou avanço em Pernambuco.

ALAGOAS

O trabalho em Pão de Açúcar, cidade no interior de Alagoas na margem esquerda do rio São Francisco, sofreu bastante após o início animador, no tempo das adesões. Aliás, houve um período de quinze anos quando a igreja quase foi extinta. Em 1939, O Estandarte publicou um artigo noticiando o “ressurgimento” dela sob a liderança do Rev. Sebastião Moreira. Haveria ainda outros períodos magros na vida da veterana igreja, causados em parte pelo êxodo de muitas famílias para Maceió e Rio de Janeiro, mas a IPI de Pão de Açúcar conseguiu sobreviver devido à sua forte liderança leiga e as visitas escassas, porém eficientes, de pastores que a amavam. Em 1939, a Igreja Independente em Pão de Açúcar ainda era a única igreja evangélica na cidade!

Chegou a vez de Maceió em 1921, quando o Rev. Sebastião Moreira organizou um grupo de crentes presbiterianos independentes em uma congregação, que se reuniu numa residência bem ao pé do farol, no centro da cidade. Enquanto o pastor morava em Aracaju, ele dava a assistência que lhe era possível, viajando à capital alagoana em cabine de caminhão. O grupo se firmou e quando Rev. Sebastião mudou-se, integrando o campo do Rev. Joel Miranda, com sede em Recife, por alguma razão não evidente, a congregação não permaneceu e, em 1936, já havia desaparecido. Maceió teria que esperar mais quarenta e um anos, até 1977, para uma nova iniciativa independente.



Celebração do Centenário da IPI Pão de Açúcar, AL, em 2004, com a presença do Rev. Assir Pereira

SERGIPE

Embora apresentando saldo positivo de apenas uma igreja organizada, os independentes no pequeno Estado de Sergipe demonstravam estar com bastante vigor no período que estudamos. A igreja em Aracaju sempre foi caracterizada por seu entusiasmo pela evangelização e muitos pontos de pregação foram abertos por

ela dentro e fora do estado. Após a saída do Rev. Machado, a Igreja de Aracaju sofria com visitas infrequentes de pastores, não sendo incomum um espaço de dois ou três anos entre elas. O contínuo vigor do trabalho, neste período, se deve muito à fidelidade de Marciano Azevedo e outros consagrados presbíteros.

Em 1927, no entanto, a igreja se encontrava dividida e o Presbitério do Leste resolveu enviar para lá o licenciado Sebastião Gomes Moreira. Em breve as facções se reconciliariam e o trabalho tomou novo rumo.

O Rev. Sebastião não somente fortaleceu a base do trabalho independente em Aracaju, mas com extraordinária visão missionária, começou a abrir novos pontos de pregação e congregações no interior. A primeira cidade alcançada foi Boquim, depois Miguel do Anjos e Itaporanga. Durante seu pastorado na IPI de Aracaju, ele chegou a fundar cinco congregações e quatro pontos de pregação no interior de Sergipe. Suas experiências neste trabalho merecem ser lembradas. Em Boquim, a pequena congregação logo sentiu a necessidade de um cemitério, pois os crentes não tiveram permissão de enterrar seus mortos no da cidade, cuja administração estava a cargo da Igreja Católica. Segundo o Rev. Sebastião, “quando morria um crente, fosse de que nível social fosse, era sepultado no quintal ou na malhada do seu dono”. Revoltado com a discriminação, o pastor conseguiu um terreno para os crentes usarem para enterrar seus mortos. ⁽²⁰⁾

No interior de Sergipe, a congregação implantada em São Cristóvão chegou a ser organizada em igreja, em 1951. A semente do evangelho, plantada em várias outras localidades, também iria produzir frutos em futuras datas.

BAHIA

A igreja estabelecida em Canavieiras, logo no período das adesões, permaneceu como a única igreja independente no estado da Bahia até 1946, quando a de Salvador foi organizada. Ela tinha como núcleo um grupo de presbiterianos, que haviam se tornado membros da igreja batista, entre eles quatro presbíteros e um diácono, juntamente com as suas famílias. Eles pediram ao Rev. Sebastião Moreira para abrir ali um trabalho independente, o que foi feito com a concordância dos batistas. A congregação foi organizada e, dois anos depois, tornou-se a IPI de Salvador. Mas não houve crescimento no número de igrejas organizadas no período, porque a antiga IPI de Canavieiras foi dissolvida na década de 1940.

Institucionalmente, houve amadurecimento na IPI da região norte no perío-

odo após as adesões, e especialmente a partir da década de 1940, quando se iniciou uma parceria mais efetiva com a Igreja no sul.

Em 1941, foi realizada a primeira Convenção de Escolas Dominicais do Norte do Brasil. No ano seguinte, o Presbitério do Norte realizou em Fortaleza, a primeira Convenção Regional da Mocidade Presbiteriana Independente do Norte. Em 1943, há notícias das atividades de grupos associados com a Federação de Senhoras nas igrejas de Cabedelo, Aracaju, Natal e na congregação de Olho d'Água de Capim. A Federação Nacional naquele ano declarou seu alvo de criar uma Secretaria Regional no Norte e a Secretaria da Federação, em 1946, demonstrou a solidariedade da sua organização com a região, visitando pessoalmente “todas as igrejas e congregações” em oito estados do Norte. ⁽²¹⁾

Outro sinal expressivo dos novos esforços de intercâmbio foi uma caravana do sul que visitou o trabalho presbiteriano independente no norte, abrangendo 10.705 quilômetros numa viagem de 96 dias. Ainda que não tivesse contribuído para solucionar os problemas de obreiros e de sustento, a caravana foi um grande sucesso em termos de relações públicas, deixando uma boa impressão com os nortistas onde quer que passasse.

Foi neste período que as igrejas do norte começaram a se despertar para a dimensão social de um ministério integral na sofrida região. Em 1947, uma pastoral do Presbitério do Norte reconheceu a dever principal da igreja como sendo o de evangelização, porém salientou a necessidade urgente da obra social nas igrejas locais, mostrando que engajar-se neste trabalho significa obedecer a Cristo. ⁽²²⁾

Todos estes movimentos foram sinais de tendências novas e pequenas, mas sadias e na direção certa. O tempo estava se aproximando quando, para a solução básica dos seus problemas crônicos, o norte buscaria soluções “feitas em casa” e a igreja no sul participaria como parceira.

Em 1956, quatro jovens pastores, candidatos ao ministério, terminaram o curso de teologia no Seminário Congregacional em Recife e foram ordenados pelo Presbitério, aliviando um pouco, mas apenas um pouco, a contínua escassez de pastores.

3 - O PERÍODO MODERNO (1958-1993)

Escolhemos o ano de 1958 como início do período “moderno” na história da IPI do Brasil no norte/nordeste, não por ter acontecido algo de importância singular, mas por ser mais ou menos o início da retomada, mesmo que tímida, do crescimento em termos de igrejas organizadas.

O Rev. Adiel de Figueiredo, em artigo publicado em *O Estandarte* em 1958, abriu seu coração e pintou sua percepção franca da IPI na região norte naquele momento. ⁽²³⁾ O quadro não era bonito. Para ele, no décimo primeiro ano de um ministério em São Luiz, que se estenderia por mais de quatro décadas, a igreja na região estava passando por fracassos e mais fracassos. Havia igrejas cheias de fuxiquinhos, confusões, mal-entendidos e impulsividades. Destes efeitos os pastores também compartilhavam. Treinados por seminários de outras igrejas evangélicas, eles não se afinavam com a realidade da IPI do Brasil. Os concílios das igrejas locais ofereciam aos seus pastores um salário que nem sequer dava para comer. O norte/nordeste, em toda sua vasta área, sentia a falta de uma liderança firme. A região vivia isolada do sul e os dois Brasis não se compreendiam. Contudo, após esta análise triste, longe de ficar desanimado, sem ideal e sem fé, ele apresentou uma série de idéias, demonstrando sua firme esperança de que a situação poderia e iria mudar. E, de fato mudou, como veremos década a década, a partir de 1960, incluindo os anos de 1958 e 1959, no período que denominamos “moderno”.

No período entre 1958 e 1970, seriam organizadas doze igrejas novas no norte/nordeste, bem mais do que foram acrescentadas ao rol do Presbitério do Norte nos 45 anos anteriores!

No ano de 1958, foi acrescentado ao Presbitério do Norte uma nova igreja em Campina Grande, Paraíba, e, no ano seguinte, foi organizada novamente uma segunda igreja em Recife. A Igreja de Campina Grande foi uma das primeiras a estabelecer um ministério social. Foram criados e administrados programas de distribuição de alimentos, educação primária e assistência médica. Ao mesmo tempo, aumentaram rapidamente os membros comungantes. O encerramento de alguns convênios-chave, no entanto, desmoronou este trabalho e, em pouco tempo, deixou de existir grande parte do programa social da igreja, fato que afetou negativamente.

RENOVAÇÃO E ENFRAQUECIMENTO

Um outro fator que contribuiu para o enfraquecimento da igreja em Campina Grande e também em outros locais, foi uma onda de “renovação espiritual” divisionista, que assolou as igrejas independentes no âmbito nacional no final da década de 1960, fazendo com que alguns crentes independentes e de outras denominações “tradicionais” abandonassem sua igreja, como também aconteceu no sul. O posicionamento pastoral do Presbitério do Norte em 1967, embora equili-

brado, não foi suficiente para aglutiná-los.

Também na década de 1960, foram organizadas a IPI de Abreu e Lima na Grande Recife assim como a 3ª IPI de Recife. Neste período, a 1ª IPI de Recife, no bairro de Casa Amarela, inaugurou seu novo templo, envolvendo-se plenamente na evangelização e as novas igrejas surgiram na cidade como fruto de seu trabalho.

No Rio Grande do Norte, foi organizada, em 1964, a 2ª IPI de Natal e, em 1971, foi transformada em igreja a já mencionada congregação na fazenda Curralinhos. Mais tarde, com a migração do povo do lugar para a cidade vizinha de Pendências, onde já existia uma congregação, a sede da igreja também se mudou para lá e ela tornou-se a IPI de Pendências.

A 1ª IPI de Aracaju teve a felicidade de receber, em fevereiro de 1958, o já experimentado Rev. Jonan Cruz, filho do Rev. José Joaquim da Cruz, que serviu onze anos no norte antes de aceitar um pastorado em São Paulo. O Rev. Jonan foi ordenado em 1947 e serviu em Cabedelo, Recife, Belém e Salvador, antes de aceitar o convite dos sergipanos. Sob a liderança pastoral dele, que iria durar 31 anos, a 1ª IPI de Aracaju continuou robusta. Em 1966, a igreja, que na ocasião contava com 250 membros adultos, recebeu a visita do Presidente do Supremo Concílio.

Em 1968, foi organizada a 2ª IPI de Aracaju, no bairro de Cidade Nova, e, em 1969, a Igreja de Boquim. A Bahia também registrou um avanço no período, ganhando uma nova igreja em Alagoinhas.

Foi nesta década que faleceu em Fortaleza o Rev. Cândido Olegário, crente que hospedou o Rev. Vicente Themudo Lessa por ocasião da sua primeira visita à cidade em 1904. Presbítero na época, ele foi ordenado pastor em 1937 e serviu mais de vinte anos como ministro do evangelho. A evangelização na cidade de Fortaleza e a visitação às muitas congregações no interior do Ceará resultaram na organização da 2ª IPI de Fortaleza, no bairro de Pirambu (1961) e na de Peniel, no vilarejo denominado Rato (1963). Em termos de crescimento, este resultado não merecia grandes elogios, porém o Ceará e especialmente Fortaleza iriam merecer a atenção da igreja nordestina em toda a década de 1960, por um outro motivo.

Já vimos a tentativa que foi feita em 1947 pelo Rev. João de Godoy, então pastor da Primeira Igreja, de criar na cidade uma Escola Missionária para o preparo de obreiros. A escola não chegou a produzir frutos, mas a iniciativa despertou o interesse de muitas pessoas também preocupadas em achar uma solução regional para a antiga e frustrante questão da falta de obreiros. O Presb. Benjamim Themudo Lessa, escrevendo em *O Estandarte* em 1948, sugeriu um estágio de três anos no norte por parte dos formados no Seminário de São Paulo. Lessa. No entanto, admitiu que isso não era o ideal, pois o necessário mesmo era a instalação

de uma faculdade de teologia na região e, para isto, opinou ele, provavelmente Fortaleza fosse o lugar mais indicado.²⁴

Era o antigo sonho, cujo tempo de concretização estava se aproximando. Na sua reunião de janeiro de 1961, o Presbitério do Norte determinou a criação de um Instituto Bíblico Independente do Norte, na Igreja de Fortaleza, sob a orientação do Presbitério. No ano seguinte, começaram as aulas da primeira instituição de educação teológica a ser estabelecida oficialmente no norte, sob a presidência do Presb. Valdyr Matos Magno. Juntamente com do Dr. Valdyr, serviu como professor o então pastor da Igreja de Fortaleza, Rev. José Afonso de Nascimento. Com o inesperado afastamento voluntário do pastor, entretanto, o Instituto Bíblico não chegou a se consolidar. O Norte teria que esperar um pouco mais ainda para a implantação de uma instituição de educação teológica que durasse o tempo suficiente para colocar obreiros treinados na tão carecida região.

SEMINÁRIO BÍBLICO DO NORTE-NORDESTE

A pessoa de visão e tenacidade para isto foi o Rev. Ezequiel Tamarozzi, que chegou ao Ceará em 1964 para assumir o pastorado da igreja em Fortaleza. Bastante convencido da necessidade urgente de haver uma base para treinamento de obreiros na própria região, no ano seguinte, com recursos locais e em instalações precárias, ele iniciou aulas a nível de instituto bíblico. A notícia da escola para o treinamento de obreiros foi recebida no sul com bastante interesse, e também com sentimento de alívio, motivando um artigo intitulado, “De Fortaleza virá a Solução?”²⁵ A Mesa Administrativa da Igreja Nacional se reuniu no final de 1966 e na presença do Rev. Jonan Cruz, representando o Presbitério do Norte, deu um passo em prol da oficialização da instituição embrionária em Fortaleza, chamada por ela o Seminário Bíblico do Norte-Nordeste, a qual seria conhecida popularmente por Seminário Bíblico Presbiteriano Independente do Norte e Nordeste (SBPINN).

Com o Rev. Tamarozzi no cargo de reitor, as aulas na nova instituição teológica da Igreja se iniciaram em março de 1966. O Seminário ocupou três compartimentos da casa pastoral da Igreja de Fortaleza, que foram adaptados. A biblioteca tinha pouco mais que 500 volumes. Juntamente com Rev. Tamarozzi, trabalharam outros dois professores, ambos pastores de igrejas presbiterianas na cidade. O curso de três anos não atingiu o nível acadêmico de bacharel em teologia. Era um curso “ministerial” com quinze matérias e duração de três anos.

O fato é que funcionou e, em 1968, a primeira turma se formou numa

cerimônia prestigiada pela presença do Presidente do Supremo Concílio e o da Fundação Eduardo Carlos Pereira, que resolvera colaborar financeiramente com o Seminário.

Em 1972, seis anos após seu início, a instituição teológica cearense contava com um novo nome, homenageando o “Leão do Norte”, ou seja Seminário Presbiteriano Independente Rev. Manoel Machado (SPIRMM). Ele tinha experimentado notável crescimento. Já havia 22 alunos, na sua maioria cearenses, mas também incluindo alunos dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e do território do Amapá. Dez dos alunos eram moças. Havia agora sete professores. Vários dos alunos matriculados em 1972 iriam engrossar as fileiras dos pastores e obreiros da Igreja Independente no Norte e Nordeste e três deles ministram na região até hoje.

O tão promissor projeto de educação teológica em Fortaleza terminou abruptamente quando seu reitor e idealizador foi afastado do pastorado da Igreja de Fortaleza pelo então Presbitério do Nordeste, em reunião extraordinária no mês de maio de 1975. Embora o Rev. Tamarozzi, acusado pelo Presbitério de ter liderado um surto de “manifestações pentecostalizantes” na igreja local e suas congregações, fosse restaurado ao sagrado ministério pelo mesmo concílio em janeiro de 1976, ele não permaneceu em Fortaleza e o Seminário logo desapareceu. Isto, porém, não antes de dar às igrejas independentes no Norte e Nordeste uma forte injeção de ânimo e de ajuda concreta, colocando mais de vinte ministros e obreiros nos campos.

A iniciativa do Rev. Tamarozzi para estabelecer um centro de treinamento teológico na região não seria a última mas, para uma solução mais definitiva, o norte, mais uma vez, teria que esperar.



Rev. Ezequiel Tamarozzi

PRESBITÉRIO DO NORDESTE

O Presbitério do Nordeste teve sua origem em 1960, quando o veterano Presbitério do Norte foi desdobrado pelo recém-organizado Sínodo Setentrional a fim de melhor atender a imensa área geográfica norte/nordeste. O reorganizado Presbitério do Norte, ficou, então, com sete igrejas e o novo Presbitério do Nordeste, com nove. O Sínodo também incluía um terceiro presbitério, o do Rio de Janeiro.

Em 1972, com a organização do Presbitério Pernambuco-Bahia, o Sínodo Setentrional passou a ter jurisdição exclusivamente sobre a região norte, agora com três Presbitérios. O do Norte cobria os estados de Piauí até Amazonas, ficando com sete igrejas organizadas e seis pastores, e o do Nordeste incluía a região da Paraíba ao Ceará, com nove igrejas e oito pastores.

A organização destes novos concílios foi possibilitada pelo influxo de novos pastores e a retomada do trabalho de implantação de igrejas, e em muito facilitou a administração da Igreja Independente na região. A distância entre as igrejas locais diminuiu dentro da área de cada presbitério, possibilitando maior participação dos presbíteros nas reuniões dos concílios. Isto levou à emergência de novas lideranças, incitando um modesto crescimento na região.

A reestruturação que aconteceu na agência missionária da Igreja Nacional trouxe benefícios para a Igreja no norte/nordeste. Logo após a sua organização pelo Sínodo em 1951, a Junta de Missões adotou o “Plano Pioneiro” e, no ano seguinte, abriu seu primeiro campo em Manaus, enviando àquela cidade o Rev. Mário de Abreu Alvarenga.²⁶ O Rev. Mário empolgava a Igreja Nacional com suas “Cartas da Amazônia”, publicadas regularmente nas páginas de *O Estandarte*. Em 1960, ele relatou o incêndio que destruiu seu barco, o “Pendão Real”, em plena viagem missionária, forçando os tripulantes, inclusive ele, a pularem na água para salvar suas vidas. Toda a igreja, do norte ao sul, ficou sensibilizada e imediatamente foi lançada uma campanha para substituir o barco perdido.

A partir da iniciativa no Amazonas, a Junta de Missões contribuiu muito para expansão do trabalho independente no norte. A Igreja de Teresina, PI, é resultado do envio, pela Junta, da missionária Elenice Gonçalves dos Reis Silva àquela cidade, em 1968. A congregação estabelecida por ela foi organizada em igreja pelo Presbitério do Norte, em 1985.

Na década de 1970, a organização de novas igrejas continuou, embora com ritmo menor, em comparação com a década anterior. Igrejas já estabelecidas em

três capitais nordestinas conseguiram transformar congregações em novas igrejas. Em São Luís, a 2ª IPI foi organizada, em 1970. Houve, infelizmente, no interior do Maranhão, uma severa baixa nos dados estatísticos, já que, em 1973, as três igrejas independentes na Baixada Maranhense, enfraquecidas e sem obreiros residente na região, voltaram a ser congregação.

Em Aracaju e Natal, congregações foram organizadas em igreja dentro dos perímetros urbanos nos anos de 1977 e 1979 respectivamente, tornando-se estas capitais, juntamente com Recife, as primeiras cidades do norte a contarem com três igrejas presbiterianas independentes. O Ceará, no entanto, terminou a década com um saldo negativo, pois perdeu, em 1976, uma das suas duas igrejas no interior. A Igreja de Aliança, em Pentecoste, abandonou a denominação como resultado direto da controvérsia sobre as “manifestações pentecostalizantes” e foi dissolvida pelo Presbitério.

A DÉCADA DE 80

A década de 1980 começou com uma nota positiva quando Matinha, uma das igrejas da Baixada que havia sido reduzida a congregação pelo Presbitério do Norte, foi organizada como igreja. Mais tarde, em 1991, a Congregação de Viana, na mesma região, voltou a ser igreja. Foi uma época frutífera também para o trabalho na capital, onde a igreja mãe organizou a 3ª IPI de São Luiz, em 1984.

A capital do Amazonas alcançou novamente as manchetes no início da década com a organização da sua 2ª IPI, em 1982, e a 3ª, no ano seguinte. Foi necessário, no entanto, a redução da pequena Igreja de Itacoatiara novamente à condição de congregação.

No Estado do Pará, organizaram-se a 2ª IPI de Belém, em 1982 e, em 1986, a primeira igreja do interior do estado, na cidade de Santarém. O trabalho nesta pitoresca cidade, à margem direita do Rio Amazonas, começou quando dois casais da IPI do Brasil passaram a morar lá e resolveram, com a ajuda de Deus, fundar uma congregação da sua denominação. Uma vez iniciado, o trabalho cresceu rapidamente e, em 1984, a Junta de Missões, continuando sua política de colaboração no desenvolvimento da região, enviou um pastor-missionário para a cidade.

Os baianos independentes organizaram, como fruto da sua evangelização, uma segunda igreja na capital, em 1984, no bairro de Pirajá. Na cidade interiorana de Itamaraju, um grupo de presbiterianos insatisfeitos procurou líderes da Igreja

Independente e, em 1989, organizaram uma igreja naquela cidade que, em três anos, já contava com mais de 100 membros comungantes. Neste mesmo período contudo, as igrejas na cidade baiana de Alagoinha (1983) e em São Cristóvão, Sergipe (1980), foram reduzidas a congregações.

Quando a Igreja de Peniel voltou a ser congregação, em 1987, elevou para

quatro o número de igrejas que deixaram de constar no rol dos seus presbitérios na década de 1980. No mesmo período, nove igrejas foram organizadas ou reorganizadas. O resultado estatístico foi um crescimento de 19% na década. Este resultado, embora melhor do que em muitas outras décadas, esteve aquém do crescimento demográfico da região.

Se a futura saúde espiritual e o crescimento da IPI do Brasil no norte fossem julgados apenas pelas cifras estatísticas da sua expansão numérica nestas décadas, não haveria motivo para otimismo. Mas, olhando a evolução que ocorreu na infra-estrutura da igreja e as perspectivas futuras, a década de 1980 trouxe sinais de amadurecimento e de promessa.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO DO NORDESTE

A decisão por parte do Supremo Concílio da IPI do Brasil de estabelecer um seminário no nordeste não significou apenas reiniciar o trabalho de educação teológica, interrompido várias vezes no passado. Com o propósito de descentralizar sua educação teológica, a denominação já fundara um seminário no sul (Londrina) e, mui logicamente, contemplava a implantação de outro no norte.

Além da estratégia geográfica, havia outras considerações. Líderes denominacionais, bem conscientes da história da IPI do Brasil no Norte/Nordeste, chegaram à conclusão de que a igreja na região tinha sido, no passado, apenas um apêndice na vida da igreja nacional. Pouco havia investido no norte e havia pouca



IPI de Matinha, em 2005

comunicação verdadeira entre norte e sul. Um seminário no norte significaria simbólica e funcionalmente um “posto avançado” da IPI do Brasil na área. Seria um polo de irradiação, contribuindo para recuperar e dinamizar a igreja lá. Serviria também como um ponto de convergência para as igrejas na região, proporcionando-lhes o intercâmbio, até então muito difícil. Um seminário demonstraria, de maneira concreta, o compromisso e a solidariedade que a Igreja Nacional tem com a região Norte/Nordeste.

Aprovado o projeto, uma ampla propriedade foi comprada em Fortaleza no final de 1985 e, no dia 1º de março de 1986, começaram as primeiras aulas no “Seminário Teológico de Fortaleza” para o curso de Bacharel em Teologia, com duração de quatro anos. O líder da equipe de três pastores enviados a Fortaleza para fundar o Seminário e para ser o núcleo do seu primeiro corpo docente foi o Rev. Sérgio Francisco dos Santos, primeiro diretor. Foi incluído no grupo um casal cedido pela Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, os primeiros missionários norte-americanos a trabalhar com a IPI do Brasil, a convite do seu Supremo Concílio, como resultado de um novo acordo feito entre a Igreja Brasileira e a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos.²⁷

Desde seu primeiro ano, o Seminário em Fortaleza ofereceu educação teológica para os leigos da igreja que desejassem se preparar para ser mais úteis nas suas igrejas locais. Em 1989, foi organizado um Curso Básico de Música, para preparar liderança nessa área para as igrejas locais.

As estatísticas, no final da sua primeira década de existência, eram animadoras. O Seminário contava com 68 alunos matriculados no Curso de Bacharel em Teologia e 35 no Curso Básico de Música. No programa de extensão estudaram quase 100 alunos, de nove estados diferentes. Dos 39 formados em teologia, 21 eram da igreja mantenedora. Destes, 13 são pastores ou licenciados e outros cinco estão envolvidos em outros ministérios cristãos. Eles servem igrejas nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia, em quatro dos seis presbitérios do Sínodo Setentrional. Nenhum dos formados como bacharel em teologia saiu da região Norte/Nordeste, com a exceção de uma que se encontra na África do Sul.

O Seminário tem servido como sede de encontros e congressos municipais e regionais de mocidade, senhoras, adolescentes, “forças leigas”, diaconia, pastores, presbíteros, sínodo, etc., e tem sido procurado por outras denominações e grupos evangélicos. A casa de profetas em Fortaleza consiste num forte símbolo da presença da Igreja Independente do Brasil no Nordeste, além de ser uma se-

menteira para a região toda.

O aumento no número de pastores na região, modesto porém significativo, tem possibilitado reorganizações na estrutura conciliar da denominação. Em 1984, o Presbitério do Norte foi dividido novamente criando-se o Presbitério do Amazonas. Sete anos depois, em 1991, o Presbitério Pernambuco-Bahia foi dissolvido e em seu lugar organizou-se os Presbitérios de Pernambuco-Alagoas e Bahia-Sergipe. A mais recente modificação aconteceu em 1995, quando o Presbitério do Nordeste foi desdobrado, sendo criado o Presbitério do Ceará com as cinco igrejas de Fortaleza. Com a presença de seis Presbitérios, a imensa área geográfica da região norte tornou-se mais fácil de ser trabalhada e o caminho está aberto para o desdobramento do Sínodo Setentrional.



Aula inaugural do Seminário Teológico de Fortaleza, em 1986



Seminário Fortaleza nos seus 20 anos (2006)

SECRETARIA DE MISSÕES

Já mencionados que o braço missionário da IPI do Brasil, que em 1988, mudou seu nome de Junta de Missões para Secretaria de Missões, exercia um papel importante na implantação de igrejas no norte/nordeste. É igualmente necessário reconhecer o importante papel da Comissão da Diaconia em incentivar as igrejas a praticarem um ministério e uma missão integral na região carente do norte. As necessidades sociais na área, com a exceção dos que estão sujeitos às secas periódicas que varrem o Nordeste, não são muito diferentes das do sul. Há falta de emprego e a existência de bastante subemprego, muito analfabetismo e grandes falhas na área de saúde, exacerbadas pelo alto índice de cólera.

Também nos grandes centros urbanos, principalmente Fortaleza, existem problemas sérios com meninos de rua e prostituição infantil. Os projetos sociais das igrejas independentes são tão variados quanto os problemas. Há escolas primárias (uma com quase 500 crianças) e pré-primárias, cursos profissionalizantes com uma variedade de ensinamentos práticos, atendimento médico, dentário e nutricional, creches, clubes de mães, cursos de alfabetização e desenvolvimento comunitário, incluindo mini-indústrias. Existem hoje trabalhos sociais nas igrejas independentes locais em quase todas as capitais. Mas, mesmo assim, para a maioria das igrejas, um projeto diaconal continua sendo sonho para o futuro.

Existem hoje trabalhos sociais nas igrejas independentes locais em quase todas as capitais. Mas, mesmo assim, para a maioria das igrejas, um projeto diaconal continua sendo sonho para o futuro.

A DÉCADA DE 90

Para a presente história, a década de 1990 terá que permanecer incompleta, porém nela já foram registrados avanços significativos na área de missão e implantação de igrejas que bem poderiam representar tendências positivas sustentáveis.

A IPI de Campina Grande, com o crescimento da cidade, se viu situada numa zona de criminalidade e tráfico de drogas, e passou por um processo de esvaziamento, sendo reduzida a congregação em 1992. Mas, se ela e também a IPI de Pirajá, em Salvador, que foi dissolvida em 1992, foram removidas do rol das igrejas organizadas, outras duas que haviam sido transformadas em congregação foram recuperadas e voltaram a ser igrejas novamente. Referimo-nos a Viana, no Maranhão, e Alagoinhas, na Bahia, ambas restauradas pelos seus presbitérios em 1991. As nove igrejas novas organizadas nos primeiros quatro anos da década de 1990 são as seguintes: Casa Caiada e Passarinho, ambas em Olinda, PE, e ambas recebidas em 1990; Terra Firme, na cidade de Belém, organizada em 1991; a IPI de Henrique Jorge, fruto do trabalho da 1ª IPI de Fortaleza e organizada em 1993; a IPI de COHATRAC, um conjunto habitacional em São Luiz, e a 4ª igreja daquela cidade e a IPI de Fazenda Grande, que tomou o lugar de Pirajá como a segunda igreja na cidade de Salvador. Em 1993, nada menos de três igrejas, um recorde para o período de um ano, foram organizadas: Jereissati I e Nova Metrôpole, em Fortaleza, e, pela Secretaria de Missões, Feira de Santana, na importante cidade



Encontro Regional de Líderes do Sínodo Setentrional, em 1991, no Seminário de Fortaleza

baiana.

Em 1993, a Comissão Executiva da Sínodo Setentrional elaborou um abrangente “Plano Missionário” para toda a região norte/nordeste. Foram incluídos alvos específicos para a abertura de trabalhos novos e a recuperação de trabalhos antigos em um total de 17 pontos em onze estados e um território. Também foram incluídos planos para desafiar as igrejas locais e ajudá-las a organizar conselhos e conferências missionárias, treinando leigos para participar diretamente na missão através de evangelização e diaconia. O plano também estimula o envolvimento das igrejas locais na obra missionária através de ofertas missionárias, contribuição para um “Fundo Missionário” administrado pelos presbitérios e através do “dízimo escalonado” direcionado ao referido Fundo. Ainda é cedo para avaliar os resultados do plano sinodal, mas certamente ele representa uma cisão positiva, otimista e alcançável, pré-requisito para qualquer avanço missionário.

EPÍLOGO

Se a IPI do Brasil mostra, agora, os sinais de uma igreja verdadeiramente nacional, que podemos dizer do passado? É justificável, por parte de alguns líderes modernos, o uso dos termos “abandono” e “divórcio” para descrever a atitude passada da igreja no sul com respeito à do norte? Até onde a Igreja Nacional, com a sua direção concentrada no sul, pode ser responsabilizada pelas décadas de confinamento em termos de crescimento, da igreja do norte? Vejamos alguns dos fatores que devem ser levados em consideração, antes de se chegar a tomar uma posição sobre estas questões.

O relativamente rápido estabelecimento da IPI do Brasil no norte ocorreu quando, a partir de agosto de 1903, núcleos de crentes maduros, membros da Igreja Presbiteriana, mas simpatizantes com a posição do grupo liderado por Eduardo Carlos Pereira, espontaneamente procuraram a IPI do Brasil e aderiram a ela. Este tipo de crescimento se tornou insustentável e praticamente acabou após a primeira década. A partir daquele momento o crescimento dependia de evangelização e discipulado, do cuidado pastoral e a mobilização para missão.

Para isto era necessário pastores que, por vários motivos, não existiam em número suficiente. Como não receberam visitas pastorais durante anos, igrejas e congregações se enfraqueceram e não poucas desapareceram, dissolvendo-se ou aderindo a outras comunidades evangélicas, com liderança atuante.

Em 1919, o Rev. Manoel Machado despediu-se de dois colegas que viajavam para assumir pastorados no sul, ficando sozinho como o único pastor independente da Bahia até o Amazonas. Esta situação extrema durou apenas quatro anos, mas o problema básico da falta de pastores suficientes não foi resolvido. Poucos ministros formados deixaram o sul para trabalhar no norte, e os poucos candidatos para o ministério que foram para o Seminário de São Paulo não voltaram. Não era incomum que pastores servindo no norte acabassem aceitando pastorados no sul. Entretanto, não se podia esperar que seminaristas e pastores do sul, acostumados a um padrão de vida pelo menos razoável, oferecessem seus préstimos ao norte, a não ser que houvesse melhores condições. A igreja tentou, mas não foi capaz de criar e sustentar uma categoria de obreiros não-ordenados para substituir ou suplementar o trabalho dos ministros ordenados. A liderança necessária para crescimento e consolidação simplesmente não existia.

E, se houvesse uma instituição de treinamento teológico no norte, teria

sido diferente? Tudo indica que sim, mas isto exigiria considerável investimento financeiro, não somente no estabelecimento da instituição, mas também na manutenção inicial dos pastores formados por ela. A insuficiência de liderança pastoral não era apenas devido à inexistência de recursos humanos, mas também à indisponibilidade de verbas para mantê-la, o que, sem dúvida, era reflexo da situação econômica da região. Talvez o quadro fosse diferente se a Igreja Nacional, através de sua agência de missões, despertasse interesse na ida de pastores para a região nos anos críticos, quando os trabalhos iniciados nas capitais e no interior dependiam tanto de obreiros qualificados. Entretanto, a questão do preparo de pastores dentro da própria região não podia ter deixado de estar no âmago de qualquer de plano para solucionar o problema do crescimento da Igreja Independente.

Chega-se à conclusão de que a Igreja Independente no norte cresceu pouco durante esses 90 anos, não apenas comparando com o sul, mas também com o crescimento demográfico do norte e com o da Igreja Presbiteriana do Brasil na região.

Chega-se à conclusão de que a Igreja Independente no norte cresceu pouco durante esses 90 anos, não apenas comparando com o sul, mas também com o crescimento demográfico do norte e com o da Igreja Presbiteriana do Brasil na região. A IPB, confrontando as mesmas dificuldades econômicas, as enormes distâncias, o isolamento e as conseqüências das secas, experimentou, no período enfocado, um crescimento bem mais expressivo.

Quais as razões? Possivelmente a principal delas fosse o acesso que estes tinham ao apoio financeiro e recursos humanos oriundos da Missão Presbiteriana do Norte do Brasil e da Missão Brasil Central, órgãos das Igrejas Presbiterianas nos Estados Unidos que atuavam no norte na época. Muitos foram os campos novos abertos e igrejas antigas pastoreadas em tempos de necessidade pelo pessoal destas Missões, que trabalhavam paralelamente com a Igreja Nacional. Com amplos recursos financeiros à sua disposição, elas participaram da fundação de um seminário denominacional em Recife e fundaram grandes colégios em Pernambuco e Bahia. Estes últimos preparavam e encaminhavam muitos candidatos ao ministério para o Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife, fator que contribuiu expressivamente para o abastecimento pastoral da IPB na região. Quando a Igreja Independente chegou a criar sua própria instituição no norte, muitos dos antigos “campos” tinham desaparecido e muitas oportunidades tinham sido perdidas.

Enquanto os presbiterianos contavam com a colaboração das Missões estrangeiras no desenvolvimento da sua denominação no norte, os independentes

dependiam totalmente dos irmãos no sul para apoio. E nunca deixou de haver empatia por parte de muitos destes. Campanhas foram realizadas com o propósito de angariar fundos para projetos no norte, algumas com aprovação “oficial” e outras organizadas informalmente por igrejas locais e outros meios. Os barcos Pendão Real e Pendão Real II, usados pelo Rev. Mário no Amazonas, foram comprados graças a campanhas especiais, com apoio do povo nas igrejas. Alguns amigos do norte até chegaram a criar fundos exclusivamente para ajudar os irmãos da região. A solidariedade dos sulistas também foi demonstrada pelas caravanas que passaram pelo norte com grande, embora momentâneo, sucesso, em termos de relações humanas.

Falar, então, de uma atitude de “abandono” ou “divórcio” para se descrever a atitude dos independentes no sul com respeito aos do norte parece injusto. Entretanto, concluir que durante muito tempo o norte foi considerado uma espécie de apêndice na vida duma igreja cuja grande força sempre foi concentrada no polo São Paulo-Paraná é a tese mais provável, pelo menos até 1985, quando a denominação resolveu investir numa instituição teológica em pleno Nordeste.

Talvez seja relevante utilizar, em defesa da igreja do sul, o mesmo argumento que tem sido usado por alguns historiadores para explicar por que os Reformadores protestantes do século XVI não se engajaram em missões transculturais para levar a fé cristã a outros povos. O problema não era que não acreditavam nestas missões, embora alguns, por razões teológicas e históricas, de fato não acreditassem. Sua não-participação se deve principalmente ao fato deles estarem tão preocupados com sua própria sobrevivência, o estabelecimento da sua base e a consolidação da sua doutrina distintiva, que simplesmente não lhes sobrava tempo, recursos humanos e materiais para se dedicar a missões além-mar. Havia uma dinâmica semelhante no caso dos presbiterianos independentes do sul do Brasil com relação à sua missão ao norte do país.

Os tempos mudaram e hoje é evidente não somente a solidariedade do sul para com o norte, mas também o compromisso concreto da IPI do Brasil por ser Igreja Nacional, expresso pelo seu investimento em educação teológica e pela participação das suas agências de missão e de diaconia do norte. Hoje as igrejas presbiterianas independentes do norte e do nordeste contam com o apoio da Igreja Nacional. Na região hoje elas reconhecem plenamente que o seu futuro, debaixo do poder capacitador do Espírito Santo, está nas suas próprias mãos.

O Rev. Frank Arnold trabalhou como missionário da Igreja Presbiteriana do Estados Unidos na IPI do Brasil, sendo professor e deão do Seminário de Fortaleza

NOTAS

1. Neste ensaio “norte” é ocasionalmente usado para designar a área geográfica oficialmente reconhecida como a região Norte do Brasil. Mas “norte” é também usado aqui no sentido mais abrangente, se referindo às regiões Norte e Nordeste. Quase toda a literatura da IPI do Brasil usa o termo neste sentido. Normalmente o contexto indicará a intenção do autor com respeito ao uso do termo. Com “sul”, se entende as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.
2. Este quadro registra as igrejas organizadas durante o período de 1903-1993 e também as eliminadas dos róis dos presbitérios no mesmo período.
3. “O Estandarte”, 15 de novembro de 1951, p.2.
4. Ibid., 22 de outubro de 1903, p.2
5. Ibid., 24 de dezembro de 1903, p.3
6. Ibid., 28 de abril de 1904, p.2
7. Ibid., 05 de abril de 1904, p. 2
8. Ibid., 12 de abril de 1906, p.2
9. Ibid., 16 de janeiro de 1908, p.2
10. Émile-G. Léonard, *O Protestantismo Brasileiro*. S. Paulo, Aste, 1963, p. 160.
11. “O Estandarte”, 21 de julho de 1910, p.2
12. Ibid., 27 de maio de 1909, p.3
13. Ibid., 18 de dezembro de 1913, p.6.
14. Ibid., 18 de dezembro de 1913, p.7
15. Ibid., 20 de abril de 1941, p. 6.
16. Ibid., 16 de maio de 1929, p. 4.
17. Ibid., julho de 1948, p. 30
18. Ibid., 21 de junho de 1939, p.2
19. Carta do Rev. Sebastião G. Moreira ao autor, datada de 29 de novembro de 1994.
20. “O Estandarte”, 30 de maio de 1946, p.4.
21. Ibid., 28 de fevereiro de 1947, p. 1.
22. Ibid., 31 de julho de 1958, p. 5.
23. Ibid., 30 de junho de 1948, p.2.
24. Ibid., 15 de fevereiro de 1960, p.3.
25. Ibid., 31 de maio de 1962, p.4
26. Não foram, no entanto, os primeiros missionários da Igreja dos Estados Unidos a trabalharem com a IPI do Brasil. Em 1973, a IPB rompeu relações com a Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América (UPCUSA), e já em 1978 três missionários iniciaram seu trabalho junto à IPI do Brasil, como resultado dos convites de dois de seus presbitérios.

CADERNO DE *O ESTANDARTE*

Publicação Especial sobre a história da IPI do Brasil - setembro de 2006



MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO

Presb^a. Eleni Mender Rangel (diretora)
Rev. Gerson Correia de Lacerda (*O Estandarte*)
Sheila de Amorim Souza (*Alvorada*)
Presb. Reuel Matos de Oliveira (*Portal da IPI do Brasil*)
Presb. Jeferson Barbosa Borges (*Pendão Real*)

Jornalista responsável:

Dr. Uassyr Ferreira
Reg. MT 6220 - SJPESP 65381
Matr. Sind. nº 12763

Redação:

Rua Amaral Gurgel, 452 - Sobreloja
CEP 01221-000 - São Paulo-SP
Fone/fax: (011)3258-1422 / 3258-7967
E-mail: estandarte@ipib.org
Expediente: 2^a a 6^a, das 9 às 18 hs.

Editora Pendão Real

Cléber C. Coelho
(Administrativo)

Albério José Siqueira
(Atendimento e Cadastro)

Exemplar avulso: R\$ 5,00

Depósito no Bradesco

Agência 095-7 C/C 151.212-9

Revisão: Gerson Correia de Lacerda

Coordenação da edição : Eduardo Galasso Faria

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Sheila de Amorim Souza

Fotos da capa:

Encontro Diaconal em Cascavel, PR;

7º Congresso da SAS em Recife, PE;

2ª Consulta Missionária da IPI do Brasil, em Londrina, PR; Rev. Manoel Machado.

Fotos e ilustrações:

Arquivos do jornal *O Estandarte* e arquivo pessoal.

Tiragem: 7.000 exemplares.

Impressão: Gráfica Potyguara
(11) 6969-4077

Artigos assinados não representam necessariamente a opinião da IPI do Brasil, nem da própria direção do jornal. Matérias enviadas sem solicitação da Redação só serão publicadas a critério da diretoria. Os originais não são devolvidos.

